Convergência

526

Novembro • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162

Convergencia novembro_2019.indd 1 12/08/2019 16:10:25

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

CHAMADOS E CHAMADAS À SANTIDADE 5

Mensagem do papa

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE NO MUNDO ATUAL 9

Mártires/Santos

BEATIFICAÇÃO DO PADRE DONIZETTI TAVARES DE LIMA 18

Informes

XXV ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA DA CRB NACIONAL: MENSAGEM FINAL 20

IRMÃS PASSIONISTAS 1919-2019: 100 ANOS DE HISTÓRIA NO BRASIL - *Irmã Maria Dalessandro* 22

PROJETO MAWAKO: UM GRITO QUE ECOA NAS ENTRANHAS DA MÃE TERRA - *Irmã Vera Lúcia Palermo* 29

Artigos

CREIO NA VIDA ETERNA: O SENTIDO DA MORTE NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ 35
Pe. Ademir Guedes Azevedo, cp

PSICOLOGIA E FORMAÇÃO: GESTÃO DA CRISE NO CONTEXTO FORMATIVO 42
Frei Vagner Sanagiotto, O.Carm

JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL E VRC 50
Padre José Ivo Follmann, sj

TERCEIRA IDADE: SABEDORIA PARTILHADA 61
Irmão Paulo Dullius, fsc

ESPIRITUALIDADE DA IGREJA NA AMAZÔNIA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA VRC 71
Irmão Afonso Murad, fms

Convergencia novembro_2019.indd 3 12/08/2019 16:10:25

OPÇÃO PELOS POBES E FIDELIDADE DA VRC NO DOCUMENTO DE PUEBLA 75
Padre Rafael Lopes Villasenor, mx

CHAMADOS E CHAMADAS À SANTIDADE

Ir. Lauro Daros, fms

Papa Francisco, na Gaudete et Exsultate indica-nos algumas características da santidade no mundo atual. "Estas caraterísticas que quero evidenciar não são todas as que podem constituir um modelo de santidade, mas são cinco grandes manifestações do amor a Deus e ao próximo, que considero particularmente importantes devido a alguns riscos e limites da cultura de hoje. Nesta se manifestam: a ansiedade nervosa e violenta que nos dispersa e enfraquece; o negativismo e a tristeza; a acédia cômoda, consumista e egoísta; o individualismo e tantas formas de falsa espiritualidade sem encontro com Deus que reinam no mercado religioso atual".

A seção Mártires/Santos destaca Pe. Donizetti, que será beatificado em breve, após o Vaticano reconhecer uma cura milagrosa. "Pe. Donizetti tinha vida austera, sem luxo, nada de requinte. Sua aspiração era servir a Deus sobre todas as coisas. Tinha total zelo pelas crianças e idosos, mas acolhia a todos sem distinção". Possuía grande devoção e fé a Nossa Senhora Aparecida.

A seção Informe traz a Mensagem Final da XXV Assembleia Geral Eletiva da CRB, realizada de 10 a 14 de julho, em Brasília. A mensagem contém o Horizonte e as Prioridades para o triênio 2019-2022: "Como horizonte inspirador, nós, consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Para o próximo triênio, assumimos as seguintes prioridades: cultivar a mística profético-sapiencial; ouvir o clamor dos pobres e da terra; fomentar a intercongregacionalidade, a interculturalidade e a partilha dos carismas com leigas/os; promover relações humanizadoras e atenção diferenciada à cada geração na VRC".

Irmã Maria Dalessandro resume os 100 anos de história no Brasil da Congregação das Irmãs Passionistas, recordando a chegada das três primeiras Irmãs. "Confiantes na providência de Deus, felizes pela missão da Congregação, na época guiada por Madre Angélica Michelagnoli e, convictas da força da memoria passionis, à qual haviam doado a existência, em 7 de novembro de 1919, três Irmãs Passionistas chegaram em Santos, São Paulo, para dar continuidade à Congregação em novas terras".

Irmã Vera Lúcia Palermo apresenta o Projeto Mawako: um grito que ecoa nas entranhas da Mãe Terra. O projeto Mawako nasceu em janeiro de 2014, em Brasília/DF, durante o curso de Especialização de Fé e Política. Do sonho de Trinho Paiva Trujillo, indígena da Etnia Baniwa, da paixão pela missão de Ir Vera Lucia Palermo, Missionária Salvatoriana, nasceu concretamente o projeto Mawako, que posteriormente passou a ser a Associação Mawako Eon, situada na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Seção Artigos inicia-se com o texto do Pe. Ademir Guedes Azevedo "Creio na vida eterna: o sentido da morte na espiritualidade cristã". Na conclusão, o autor expressa que "a morte, na espiritualidade cristã, tem um sentido positivo, o qual se revela só na ressurreição de Jesus. O cristianismo não admite os fatalismos que relacionam o fim com a morte. A fé nos coloca em sintonia com a Esperança que não nos engana, mas nos faz alcançar aquilo que esperamos: a vida nova que Cristo nos dá".

Frei Vagner Sanagiotto partilha suas reflexões sobre Psicologia e formação: gestão da crise no contexto formativo. Com este artigo, o autor quer "demonstrar, através da gestão da crise no contexto formativo, os pontos de convergência e os limites de ação da relação entre Psicologia e formação, evitando de "psicologizar" a formação ou "espiritualizar" a Psicologia".

Pe. José Ivo Follmann fala sobre Justiça Socioambiental e Vida Religiosa Consagrada. Ele esclarece: "em um artigo anterior eu sugeria que o "Cuidado da Casa Comum" é uma das indicações mais originais e completas que chama para uma espiritualidade nos tempos

presentes.[1] Talvez possa, agora, ampliar aquela assertiva, com o convite para a reflexão sobre os desafios para a Vida Religiosa Consagrada - VRC, na Igreja, colocando em debate o seu engajamento na justiça socioambiental - JSA. A Vida Religiosa Consagrada -VRC se originou e tomou força, sobretudo, como resposta à necessidade de assegurar a fidelidade ao que é essencial na missão da Igreja. Neste sentido o artigo visa alinhar alguns pensamentos e argumentos pertinentes ao conceito de justiça socioambiental - JSA, focando um aspecto chave da teologia cristã: a Reconciliação de Tudo em Cristo".

No artigo "Terceira idade: sabedoria partilhada", Ir. Paulo Dullius expressa que "todos vivemos para termos experiência e sabedoria. Existe uma sabedoria em cada pessoa, cada cultura, cada época histórica. A sabedoria se relaciona fortemente com os acertos da vida segundo o amor, a verdade, o bem. E podemos aprender da sabedoria de outras pessoas e integrar esse aprendizado à nossa realidade específica. Há, sim, aspectos que mudam, mas aprendemos mecanismos de continuidade que facilitam encontrar, desenvolver e manter o sentido da nossa vida, sentido do mundo, sentido do plano salvífico de Deus. Esta é a experiência da sabedoria".

Irmão Afonso Murad, da Equipe Interdisciplinar da CRB, escreve sobre a Espiritualidade da Igreja na Amazônia: Uma contribuição da VRC. "A Igreja com rosto amazônico expressa de um jeito próprio a espiritualidade que a sustenta. Para realizar tal tarefa, ela se serve de conceitos e de imagens do cotidiano, que compõe sua existência, em comunhão com a natureza. Pois assim fez Jesus quando falava do Reino de Deus, do Pai, da Boa Nova de salvação e libertação, ao utilizar parábolas e gestos simbólicos.

Ao dizer quem somos, nossa missão e a espiritualidade que nos alimenta, usando analogias da Amazônia, sentimos que tocamos no mistério de Deus sem ter a pretensão de tudo explicar. Pois a Trindade é fonte inesgotável de sentido. E cada vez que chegamos perto, como Moisés diante da sarça ardente, reverenciamos o Deus da vida, o fogo ardente que aquece e ilumina sem se consumir, a fonte inesgotável de Vida para nós e as demais criaturas".

Para celebrar os 40 anos de Puebla, Pe. Rafael Lopez Villasenor, da Equipe Interdisciplinar da CRB, escreve Opção pelos pobres e

1 FOLLMANN, J. I. O "Cuidado da Casa Comum" como caminho para a espiritualidade e justiça. Convergência, n. 523, Ano LIV, julho-agosto, 2019, p.58 A expressão "Cuidado da Casa Comum" é construída pelo autor a partir do que é proposto ao longo de todo o texto da Encíclica Laudato Sí - L.S., na qual se fala repetidamente de "Casa Comum", de "Nossa Casa" onde "tudo está interligado" e se fala também da "cultura do cuidado".

fidelidade da Vida Religiosa no documento de Puebla. O autor revisita e refaz uma releitura do evento que apresenta opções claras pelos pobres e pelos jovens. "O nosso texto tem como finalidade retomar a opção pelos pobres, a partir da Conferência de Puebla ao celebrarmos os 40 anos do evento. A opção pelos pobres é a marca da nossa Igreja, no entanto, por que muitos jovens e religiosos atualmente na Vida Consagrada se apaixonam pouco pela opção pelos pobres? Por que a Vida Religiosa inserida com os pobres não entusiasma mais? Será que os tempos mudaram ou somos nós religiosos que mudamos"?

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE NO MUNDO ATUAL

Papa Francisco. Gaudete et Exsultate

111. Estas caraterísticas que quero evidenciar não são todas as que podem constituir um modelo de santidade, mas são cinco grandes manifestações do amor a Deus e ao próximo, que considero particularmente importantes devido a alguns riscos e limites da cultura de hoje. Nesta se manifestam: a ansiedade nervosa e violenta que nos dispersa e enfraquece; o negativismo e a tristeza; a acédia cômoda, consumista e egoísta; o individualismo e tantas formas de falsa espiritualidade sem encontro com Deus que reinam no mercado religioso atual.

Suportação, paciência e mansidão

112. A primeira destas grandes caraterísticas é permanecer centrado, firme em Deus que ama e sustenta. A partir desta firmeza interior, é possível aguentar, suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: "se Deus está por nós, quem pode estar contra nós"? (Rm 8, 31). Nisto está a fonte da paz que se expressa nas atitudes dum santo. Com base em tal solidez interior, o testemunho de santidade, no nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, é feito de paciência e constância no bem. É a fidelidade (pistis) do amor, pois quem se apoia em Deus também pode ser fiel (pistós) aos irmãos, não os

abandonando nos momentos difíceis, nem se deixando levar pela própria ansiedade, mas mantendo-se ao lado dos outros mesmo quando isso não lhe proporcione qualquer satisfação imediata.

113. São Paulo convidava os cristãos de Roma a não pagar a ninguém o mal com o mal (cf. Rm 12, 17), a não fazer justiça por conta própria (cf. 12, 19), nem a deixar-se vencer pelo mal, mas vencer o mal com o bem (cf. 12, 21). Esta atitude não é sinal de fraqueza, mas da verdadeira força, porque o próprio Deus "é paciente e grande em poder" (Na 1, 3). Assim nos adverte a Palavra de Deus: "toda a espécie de azedume, raiva, ira, gritaria e injúria desapareça de vós, juntamente com toda a maldade" (Ef 4, 31).

114. É preciso lutar e estar atentos às nossas inclinações agressivas e egocêntricas, para não deixar que ganhem raízes: "se vos irardes, não pequeis; que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento" (Ef 4, 26). Quando há circunstâncias que nos acabrunham, sempre podemos recorrer à âncora da súplica, que nos leva a ficar de novo nas mãos de Deus e junto da fonte da paz: "por nada vos deixeis inquietar; pelo contrário: em tudo, pela oração e pela prece, apresentai os vossos pedidos a Deus em ações de graças. Então, a paz de Deus, que ultrapassa toda a inteligência, guardará os vossos corações" (Flp 4, 6-7).

115. Pode acontecer também que os cristãos façam parte de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital. Mesmo nos media católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia. Gera-se, assim, um dualismo perigoso, porque, nestas redes, dizem-se coisas que não seriam toleráveis na vida pública e procura-se compensar as próprias insatisfações descarregando furiosamente os desejos de vingança. É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: "não levantar falsos testemunhos" e destrói-se sem piedade a imagem alheia. Nisto se manifesta como a língua descontrolada "é um mundo de iniquidade; (…) e, inflamada pelo Inferno, incendeia o curso da nossa existência" (Tg 3, 6).

116. A firmeza interior, que é obra da graça, impede de nos deixarmos arrastar pela violência que invade a vida social, porque a graça aplaca a vaidade e torna possível a mansidão do coração. O santo não gasta as suas energias a lamentar-se dos erros alheios, é capaz de guardar

silêncio sobre os defeitos dos seus irmãos e evita a violência verbal que destrói e maltrata, porque não se julga digno de ser duro com os outros, mas considera-os superiores a si próprio (cf. Flp 2, 3).

117. Não nos faz bem olhar com altivez, assumir o papel de juízes sem piedade, considerar os outros como indignos e pretender continuamente dar lições. Esta é uma forma sutil de violência [95]. São João da Cruz propunha outra coisa: 'mostra-te sempre mais propenso a ser ensinado por todos do que a querer ensinar quem é inferior a todos" [96]. E acrescentava um conselho para afastar o demônio: "alegrando-te com o bem dos outros como se fosse teu e procurando sinceramente que estes sejam preferidos a ti em todas as coisas, assim vencerás o mal com o bem, afastarás o demônio para longe e alegrarás o coração. Procura exercitá-lo sobretudo com aqueles que te são menos simpáticos. E sabe que, se não te exercitares neste campo, não chegarás à verdadeira caridade nem tirarás proveito dela [97].

118. A humildade só se pode enraizar no coração através das humilhações. Sem elas, não há humildade nem santidade. Se não fores capaz de suportar e oferecer a Deus algumas humilhações, não és humilde nem estás no caminho da santidade. A santidade que Deus dá à sua Igreja vem através da humilhação do seu Filho: este é o caminho. A humilhação faz-te semelhante a Jesus, é parte ineludível da imitação de Jesus: "Cristo padeceu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos" (1 Ped 2, 21). Ele, por sua vez, manifesta a humildade do Pai, que Se humilha para caminhar com o seu povo, que suporta as suas infidelidades e murmurações (cf. Ex 34, 6-9; Sab 11, 23 – 12, 2; Lc 6, 36). Por este motivo, os Apóstolos, depois da humilhação, estavam "cheios de alegria, por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do Nome de Jesus" (At 5, 41).

119. Não me refiro apenas às situações cruentas de martírio, mas às humilhações diárias daqueles que calam para salvar a sua família, ou evitam falar bem de si mesmos e preferem louvar os outros em vez de se gloriar, escolhem as tarefas menos vistosas e às vezes até preferem suportar algo de injusto para o oferecer ao Senhor: "se, fazendo o bem, sofreis com paciência, isso é uma coisa meritória diante de Deus" (1 Ped 2, 20). Não é caminhar com a cabeça inclinada, falar pouco ou escapar da sociedade. Às vezes uma pessoa, precisamente porque está liberta do egocen-

trismo, pode ter a coragem de discutir amavelmente, reclamar justiça ou defender os fracos diante dos poderosos, mesmo que isso traga consequências negativas para a sua imagem.

120. Não digo que a humilhação seja algo de agradável, porque isso seria masoquismo, mas que se trata dum caminho para imitar Jesus e crescer na união com Ele. Isto não é compreensível no plano natural, e o mundo ridiculariza semelhante proposta. É uma graça que precisamos de implorar: 'Senhor, quando chegarem as humilhações, ajuda-me a sentir que estou seguindo atrás de Ti, no teu caminho".

121. Esta atitude pressupõe um coração pacificado por Cristo, liberto daquela agressividade que brota dum 'ego" demasiado grande. A própria pacificação, que a graça realiza, permite-nos manter uma segurança interior e aguentar, perseverar no bem "ainda que atravesse vales tenebrosos" (Sal 23/22, 4) ou 'ainda que um exército me cerque" (Sal 27/26, 3). Firmes no Senhor, a Rocha, podemos cantar: "deito-me em paz e logo adormeço, porque só Tu, Senhor, me fazes viver em segurança" (Sal 4, 9). Em suma, Cristo "é a nossa paz" (Ef 2,14) e veio 'dirigir os nossos passos no caminho da paz" (Lc 1, 79). Ele fez saber a Santa Faustina Kowalska: "a humanidade não encontrará paz, enquanto não se dirigir com confiança à Minha Misericórdia" [98]. Por isso, não caiamos na tentação de procurar a segurança interior no sucesso, nos prazeres vazios, na riqueza, no domínio sobre os outros ou na imagem social: "Dou-vos a minha paz. [Mas] não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou" (Jo 14, 27).

Alegria e sentido de humor

122. O que ficou dito até agora não implica um espírito retraído, tristonho, amargo, melancólico ou um perfil sumido, sem energia. O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança. Ser cristão é "alegria no Espírito Santo" (Rm 14, 17), porque, "do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria. Pois quem ama sempre se alegra na união com o amado. (...) Daí que a consequência da caridade seja a alegria" [99]. Recebemos a beleza da sua Palavra e abraçamo-la 'em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo" (1 Ts 1, 6). Se deixarmos que o Senhor nos arranque da nossa concha e mude a nossa vida, então poderemos realizar o que pedia São Paulo: "Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos"! (Flp 4, 4).

123. Os profetas anunciavam o tempo de Jesus, que estamos a viver, como uma revelação da alegria: 'exultai de alegria" (Is 12, 6). 'Sobe a um alto monte, arauto de Sião. Grita com voz forte, arauto de Jerusalém" (Is 40, 9). "Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e Se compadece dos desamparados" (Is 49, 13). "Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu Rei vem a ti; Ele é justo e vitorioso" (Zac 9, 9). E não esqueçamos a exortação de Neemias: "não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é que é a vossa força! (8, 10).

124. Maria, que soube descobrir a novidade trazida por Jesus, cantava: "o meu espírito se alegra" (Lc 1, 47) e o próprio Jesus "estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo" (Lc 10, 21). Quando Ele passava, "a multidão alegrava-se" (Lc 13, 17). Depois da sua ressurreição, onde chegavam os discípulos, havia grande alegria (cf. At 8, 8). Jesus assegurou-nos: "vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria! (...) Eu hei de ver-vos de novo! Então o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria" (Jo 16, 20.22). "Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa" (Jo 15, 11).

125. Existem momentos difíceis, tempos de cruz, mas nada pode destruir a alegria sobrenatural, que "se adapta e transforma, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados"[100]. É uma segurança interior, uma serenidade cheia de esperança que proporciona uma satisfação espiritual incompreensível à luz dos critérios mundanos.

126. Normalmente a alegria cristã é acompanhada pelo sentido do humor, tão saliente, por exemplo, em São Tomás Moro, São Vicente de Paulo, ou São Filipe Néri. O mau humor não é um sinal de santidade: "lança fora do teu coração a tristeza" (Qo 11, 10). É tanto o que recebemos do Senhor "para nosso usufruto" (1 Tm 6, 17), que às vezes a tristeza tem a ver com a ingratidão, com estar tão fechados em nós mesmos que nos tornamos incapazes de reconhecer os dons de Deus [101].

127. Assim nos convida o seu amor paterno: 'meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te prives da felicidade presente" (Sir 14, 11.14). Quer-nos positivos, agradecidos e não demasiado complicados: "no

dia da felicidade, sê alegre. (…) Deus criou os homens retos, eles, porém, procuraram maquinações sem fim" (Qo 7, 14.29). Em cada situação, devemos manter um espírito flexível, fazendo como São Paulo: aprendi a adaptar-me «às situações em que me encontre» (Flp 4, 11). Isto mesmo vivia São Francisco de Assis, capaz de se comover de gratidão perante um pedaço de pão duro, ou de louvar, feliz, a Deus só pela brisa que acariciava o seu rosto.

128. Não estou falando da alegria consumista e individualista muito presente nalgumas experiências culturais de hoje. Com efeito, o consumismo só atravanca o coração; pode proporcionar prazeres ocasionais e passageiros, mas não alegria. Refiro-me, antes, àquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque "a felicidade está mais em dar do que em receber" (At 20, 35) e "Deus ama quem dá com alegria" (2 Cor 9, 7). O amor fraterno multiplica a nossa capacidade de alegria, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros: "alegrai-vos com os que se alegram" (Rm 12, 15). "Alegramo-nos quando somos fracos e vós sois fortes" (2 Cor 13, 9). Ao contrário, "concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo-nos a viver com pouca alegria"[102].

Ousadia e ardor

129. Ao mesmo tempo, a santidade é parresia: é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo. Para isso ser possível, o próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: 'não temais"! (Mc 6, 50). "Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28, 20). Estas palavras permitem-nos partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos, impelindo-os a anunciar Jesus Cristo. Ousadia, entusiasmo, falar com liberdade, ardor apostólico: tudo isto está contido no termo parresia, uma palavra com que a Bíblia expressa também a liberdade duma existência aberta, porque está disponível para Deus e para os irmãos (cf. At 4, 29; 9, 28; 28, 31; 2 Cor 3, 12; Ef 3, 12; Heb 3, 6; 10, 19).

130. O Beato Paulo VI mencionava, entre os obstáculos da evangelização, precisamente a carência de parresia, "a falta de ardor, tanto mais grave [porque] provém de dentro"[103]. Quantas vezes nos sentimos instigados a deter-nos na comodidade da margem! Mas

o Senhor chama-nos a navegar pelo mar dentro e lançar as redes em águas mais profundas (cf. Lc 5, 4). Convida-nos a gastar a nossa vida ao seu serviço. Agarrados a Ele, temos a coragem de colocar todos os nossos carismas ao serviço dos outros. Oxalá pudéssemos sentir-nos impelidos pelo seu amor (cf. 2 Cor 5, 14) e dizer com São Paulo: "ai de mim se eu não evangelizar"! (1 Cor 9, 16).

131. Olhemos para Jesus! A sua entranhada compaixão não era algo que O ensimesmava, não era uma compaixão paralisadora, tímida ou envergonhada, como sucede muitas vezes conosco. Era exatamente o contrário: era uma compaixão que O impelia fortemente a sair de Si mesmo a fim de anunciar, mandar em missão, enviar a curar e libertar. Reconheçamos a nossa fragilidade, mas deixemos que Jesus a tome nas suas mãos e nos lance para a missão. Somos frágeis, mas portadores dum tesouro que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem. A ousadia e a coragem apostólica são constitutivas da missão.

132. A parresia é selo do Espírito, testemunho da autenticidade do anúncio. É uma certeza feliz que nos leva a gloriar-nos do Evangelho que anunciamos, é confiança inquebrantável na fidelidade da Testemunha fiel, que nos dá a certeza de que nada "poderá separar-nos do amor de Deus" (Rm 8, 39).

133. Precisamos do impulso do Espírito para não ser paralisados pelo medo e o calculismo, para não nos habituarmos a caminhar só dentro de confins seguros. Lembremo-nos disto: o que fica fechado acaba cheirando a mofo e criando um ambiente doentio. Quando os apóstolos sentiram a tentação de deixar-se paralisar pelos medos e perigos, juntaram-se a rezar pedindo parresia: "agora, Senhor, tem em conta as suas ameaças e concede aos teus servos poderem anunciar a tua palavra com toda a ousadia" (At 4, 29). E a resposta foi esta: "tinham acabado de orar, quando o lugar em que se encontravam reunidos estremeceu, e todos foram cheios do Espírito Santo, começando a anunciar a palavra de Deus com ousadia" (At 4, 31).

134. À semelhança do profeta Jonas, sempre permanece latente em nós a tentação de fugir para um lugar seguro, que pode ter muitos nomes: individualismo, espiritualismo, confinamento em mundos pequenos, dependência, instalação, repetição de esquemas preestabelecidos, dogmatismo, nostalgia, pessimismo, refúgio nas normas. Talvez nos sintamos relutantes em deixar um território que nos era conhecido e controlável. Todavia as

dificuldades podem ser como a tempestade, a baleia, o verme que fez secar o rícino de Jonas, ou o vento e o sol que lhe dardejaram a cabeça; e, tal como para ele, podem ter a função de nos fazer voltar para este Deus que é ternura e nos quer levar a uma itinerância constante e renovadora.

135. Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido, rumo às periferias e aos confins. Leva-nos aonde se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência da superficialidade e do conformismo, continuam à procura de resposta para a questão do sentido da vida. Deus não tem medo! Não tem medo! Ultrapassa sempre os nossos esquemas e não Lhe metem medo as periferias. Ele próprio Se fez periferia (cf. Flp 2, 6-8; Jo 1, 14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já estará lá. Jesus antecipa-Se-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá.

136. É verdade que precisamos de abrir a porta a Jesus Cristo, porque Ele bate e chama (cf. Ap 3, 20). Mas, pensando no ar irrespirável da nossa autorreferencialidade, pergunto-me se às vezes Jesus não estará já dentro de nós, batendo para que O deixemos sair. No Evangelho, vemos como Jesus "ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus" (Lc 8, 1). Mesmo depois da ressurreição, quando os discípulos partiram para toda a parte, "o Senhor cooperava com eles" (Mc 16, 20). Esta é a dinâmica que brota do verdadeiro encontro.

137. A habituação seduz-nos e diz-nos que não tem sentido procurar mudar as coisas, que nada podemos fazer perante tal situação, que sempre foi assim e todavia sobrevivemos. Pela habituação, já não enfrentamos o mal e permitimos que as coisas "continuem como estão" ou como alguns decidiram que estejam. Deixemos então que o Senhor venha despertar-nos, dar-nos um abanão na nossa sonolência, libertar-nos da inércia. Desafiemos a habituação, abramos bem os olhos, os ouvidos e sobretudo o coração, para nos deixarmos mover pelo que acontece ao nosso redor e pelo clamor da Palavra viva e eficaz do Ressuscitado.

138. Move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos que se dedicam a anunciar e servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não

precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora.

139. Peçamos ao Senhor a graça de não hesitar quando o Espírito nos exige que demos um passo em frente; peçamos a coragem apostólica de comunicar o Evangelho aos outros e de renunciar a fazer da nossa vida um museu de recordações. Em qualquer situação, deixemos que o Espírito Santo nos faça contemplar a história na perspetiva de Jesus ressuscitado. Assim a Igreja, em vez de cair cansada, poderá continuar em frente acolhendo as surpresas

---

[95] Há muitas formas de bulismo que, embora pareçam elegantes ou respeitosas e até mesmo muito espirituais, provocam muito sofrimento na autoestima dos outros.

[96] Cautelas, 13: Opere (Roma 41979), 1070.

[97] Ibid., 13: o. c., 1070.

[98] A Misericórdia Divina na minha alma. Diário da Beata Irmã Faustina Kowalska (Cidade do Vaticano 1996), 132.

[99] São Tomás de Aquino, Summa Theologiae, I-II, q. 70, a. 3.

[100] Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium (24 de novembro de 2013), 6: AAS 105 (2013), 1221.

[101] Recomendo a reza desta oração atribuída a São Tomás Moro: "Dai-me, Senhor, uma boa digestão e também qualquer coisa para digerir. Dai-me a saúde do corpo, com o bom humor necessário para a conservar. Dai-me, Senhor, uma alma santa que saiba aproveitar o que é bom e puro, e não se assuste à vista do pecado, mas encontre a forma de colocar as coisas de novo em ordem. Dai-me uma alma que não conheça o tédio, as murmurações, os suspiros e os lamentos, e não permitais que sofra excessivamente por essa realidade tão dominadora que se chama "eu". Dai-me, Senhor, o sentido do humor. Dai-me a graça de entender os gracejos, para que conheça na vida um pouco de alegria e possa comunicá-la aos outros. Assim seja".

[102] Francisco, Exort. ap. pós-sinodal Amoris laetitia (19 de março de 2016), 110: AAS108 (2016), 354.

[103] Exort. ap. Evangelii nuntiandi (8 de dezembro de 1975), 80: AAS 68 (1976), 73. É interessante notar que, neste texto, o Beato Paulo VI liga intimamente a alegria à parresia. Assim como lamenta "a falta de alegria e de esperança", assim também exalta a «suave e reconfortante alegria de evangelizar» que está unida a «um impulso interior que nada e ninguém pode extinguir», para que o mundo não receba o Evangelho "de evangelizadores tristes e descoroçoados". Durante o Ano Santo de 1975, o próprio Paulo VI dedicou à alegria a Exortação apostólica Gaudete in Domino (9 de maio de 1975): AAS 67 (1975), 289-322.

BEATIFICAÇÃO DO PADRE DONIZETTI TAVARES DE LIMA[1]

Pe. Donizetti Tavares de Lima nasceu na cidade de Cássia-MG, no dia 3 de Janeiro de 1882, filho de Tristão Tavares de Lima e de Francisca Cândida Tavares de Lima, teve 8 irmãos. Quando Donizetti tinha quatro anos de idade, sua família mudou-se para a cidade de Franca-SP onde fez o curso primário e foi aprendendo os rudimentos da música.

Aos 15 anos de idade foi matriculado no curso preparatório do antigo Seminário Episcopal de São Paulo e depois de três anos cursou o Colégio em Sorocaba, voltando no ano de 1900 para o Seminário. No dia 12 de Julho de 1908 foi Ordenado Sacerdote em Pouso Alegre-MG.

Passou pelas Paróquias de São Caetano em Pouso Alegre; Jaguariúna; Paróquia de Santa Mãe de Deus; Paróquia Sant'Ana em Vargem Grande do Sul; no dia 24 de maio de 1926 foi nomeado Pároco da Paróquia Santo Antônio em Tambaú-SP, onde chegou no dia 12 de Junho do mesmo ano, e sua posse aconteceu no dia 13 de junho de 1926.

Trabalhou por 35 anos em Tambaú até o dia 16 de Junho de 1961 quando faleceu aos 79 anos de idade por complicações cardíacas.

"Pe. Donizetti tinha vida austera, sem luxo, nada de requinte. Sua aspiração era servir a Deus sobre todas as coisas. Tinha total zelo pelas crianças e idosos, mas acolhia a todos sem distinção". (Livro Pe. Donizetti de Tambaú – José Wagner Azevedo).

Fundou uma creche, a Casa da Criança, cuidou dos trabalhadores, fazendo o círculo operário, e por fim olhou pelos idosos e fez o Asilo.

1 Fonte: http://www.padredonizetti.com.br/

Possuía grande devoção e fé a Nossa Senhora Aparecida e providenciou uma imagem e assim a entronizou na Igreja Santo Antônio.

Em 1929 um incêndio destruiu tudo o que havia na igreja Santo Antônio, mas o fogo não destruiu a Imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi salva intacta. Este fato foi atribuído como um sinal de Deus.

Na década de 50 muitos fatos aconteceram e que levaram o Pe. Donizetti a ter fama de Santo, muitas curas foram atribuídas a ele através de sua benção.

A Igreja São José não comportava tantas pessoas, então foi construído um palanque em frente à Casa Paroquial na porta principal onde ele falava com todos em geral. Como já não podia atender individualmente cada um, tomou a decisão que no dia 30 de maio de 1955 seria a sua última benção em público, mas prometeu que mesmo sozinho em seu quarto ele continuaria a rezar por todos.

Aconteceu o encerramento de sua benção com grande multidão presente na cidade de Tambaú, aviões sobrevoaram o local derramando uma chuva de pétalas de rosas, grande emoção tomou conta de todos no dia 30 de maio de 1955.

O Pe. Donizetti faleceu no dia 16 de junho de 1961. A sua saúde foi se complicando devido ao diabetes e algumas insuficiências cardíacas fizeram que fosse internado várias vezes para que recebesse o tratamento no Hospital. Na manhã do dia 16 de junho, sentado em uma cadeira na porta da Casa Paroquial, por volta das 11h15, ele faleceu.

Durante toda tarde e noite o velório aconteceu na Igreja São José e milhares de pessoas se aglomeravam para ver pela última vez o Pe. Donizetti.

Após o seu falecimento, até nos dias de hoje, muitos relatos de curas de Tambauenses e romeiros estão registrados, testemunhos de devotos a ele atribuem graças.

XXV ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA DA CRB NACIONAL

Mensagem Final

Reunidas e reunidos pelo Espírito do Senhor como Vida Religiosa do Brasil na XXV Assembleia Geral Eletiva, de 10 a 14 de julho de 2019, em Brasília-DF, nós, em torno de 450 participantes, vindas/os de vários recantos do Brasil e de outros países, vivemos a força revigoradora da Vida Religiosa Consagrada como espaço de discernimento e vida.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada do próximo triênio foi "Consagradas e Consagrados em Missão" e o lema "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5), os quais nos impulsionam, como Vida Religiosa Consagrada, a estarmos sempre itinerantes, no seguimento a Jesus Cristo.

Muito nos alegrou a presença da Presidente da Conferência Latino Americana e Caribenha de Religiosos (CLAR), Irmã Gloria Liliana Echeverri, a qual nos interpelou inspirando-se no Papa Francisco, para a vivência dos valores do Reino, a sermos especialistas em comunhão, sair do ninho que nos contém, cuidar da formação integral, enriquecer a Igreja com nossos carismas e confiar em Quem nos conduz.

A atual conjuntura sócio-política-econômica nos mostra o fortalecimento de políticas neoliberais com mecanismos financeiros que retiram direitos e agravam a situação dos vulneráveis, submetendo-os a um cenário de escassez. É nossa missão suscitar esperança, resistência, em busca da verdade e da paz.

Manifestamos nosso apoio incondicional ao Papa Francisco e às suas propostas. Ele tem nos interpelado a um êxodo para a fronteira das

necessidades humanas atuais. Insiste, entre outros aspectos, na sinodalidade como próprio ser da Igreja, na missionariedade, simplicidade, pobreza, misericórdia, pastores com cheiro de ovelhas e ecologia integral.

Como horizonte inspirador, nós, consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Para o próximo triênio, assumimos as seguintes prioridades: cultivar a mística profético-sapiencial; ouvir o clamor dos pobres e da terra; fomentar a intercongregacionalidade, a interculturalidade e a partilha dos carismas com leigas/os; promover relações humanizadoras e atenção diferenciada à cada geração na VRC.

Fazemos nossas as palavras da Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, após a eleição: "eu desejo neste triênio que nos dediquemos mais às questões da Amazônia, da identidade da VRC, dos presbíteros religiosos, dos abusos sexuais na Igreja, do tráfico humano e do engajamento nas Políticas Públicas, em estarmos com os pobres e dos pequenos, para que sejamos uma vida consagrada masculina e feminina de acordo com o Espírito de Jesus".

A exemplo de Maria, Mãe e Discípula de Jesus Cristo, pedimos ao Espírito que dirija nossos passos e nos faça testemunhas do seu amor e da esperança.

Brasília/DF, 14 de julho de 2019.

IRMÃS PASSIONISTAS - 1919-2019: 100 ANOS DE HISTÓRIA NO BRASIL

Ir. Maria Dalessandro[1]

A Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz celebra o jubileu de 100 anos de presença no Brasil, no dia 7 de novembro de 2019, recordando a chegada das três primeiras Irmãs.

Confiantes na providência de Deus, felizes pela missão da Congregação, na época guiada por Madre Angélica Michelagnoli e, convictas da força da *memoria passionis,* à qual haviam doado a existência, em 7 de novembro de 1919, três Irmãs Passionistas chegaram em Santos, São Paulo, para dar continuidade à Congregação em novas terras.

Ir. Boaventura Sabani, Ir. Agata Lopai e Ir. Annunziata Innanzi deixam a comunidade da Casa Mãe, lugar seguro onde iniciaram os primeiros passos na vida Passionista, lugar habitado por rostos conhecidos e amados e, como Abraão, vão em direção de um futuro desconhecido por elas, mas conhecido por Deus, que sempre cumpre suas promessas.

A escolha corajosa e profética, daquele momento, foi o primeiro passo missionário da Congregação fora da Itália, em tempo difícil e de grande pobreza. A comunicação era quase inexistente e, quem partia, sabia da possibilidade concreta de não retornar à pátria. O amor a Deus e ao próximo, a vontade de realizar o sonho missionário, mesmo a custo de grande sacrifício, o espirito de fé e o amor à Paixão de Jesus, a comunhão com a Congregação, deixada na Itália, permitiram às três primeiras Irmãs sentirem-se felizes por assumirem a nova missão.

1 Superiora Geral das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz. Mensagem enviada à Congregação na Celebração dos 100 anos de Presença das Irmãs Passionistas no Brasil.

A bagagem que as acompanhava era feita de coisas pobres, mas rica de fé, de espiritualidade, de amor à Congregação, de desejo de compartilhar a precariedade e a peregrinação migratória de tantas famílias que partiam para a América em busca de melhores condições de vida. Isso foi suficiente para que, com o coração aberto, aceitassem o risco da obediência e a aventura missionária: *"… diante do sacrifício, das dificuldades, sentimo-nos mais fortes… Deus está conosco! Nós não somos simples Irmãs, somos missionárias"*.

Chamadas pelos Padres Passionistas, que já se encontravam no Brasil para acompanhar, apoiar e evangelizar o grande número de emigrantes provenientes da Itália e outros países da Europa**,** as três Irmãs, realizando a mesma missão desenvolvida na Itália, começaram logo a se ocupar das meninas pobres e sem famílias no Abrigo Santa Maria. Conheceram a pobreza, privações e sacrifícios, mas foram em frente com amor e generosidade, como somente corações de mulheres-mães sabem fazer. Escreveram: *"Graças às atenções dos nossos Padres… tudo se resolveu em nosso favor… Eles se empenham tanto por nós, nos dão tanta coragem e nos dizem que veremos grandes coisas; e que a nossa Congregação florescerá muito nesta América do Sul. Deus assim o faça …"*.

E Deus, fiel às suas promessas, o fez... A chamada para imprimir nos corações *a viva e grata memória da Paixão de Jesus,* segundo o dom de São Paulo da Cruz e o carisma da Fundadora, a serva de Deus Maria Madalena Frescobaldi Capponi, que definia as suas Passionistas *fruto da Paixão de Jesus e das dores de Maria,* com a missão de *reconduzir os pobres, os pequenos, as mulheres marginalizadas ao Coração do Apaixonado Senhor*, atraíram logo as primeiras vocações. Eram jovens corajosas e generosas que abraçaram com fascinação os sacrifícios e as dificuldades do início da Fundação. A elas se unirão outras jovens, e depois outras, até formarem uma vigorosa realidade da qual hoje, depois de 100 anos, agradecemos ao Senhor.

As Irmãs brasileiras souberam acolher o dom do Carisma e, organizadas em três Províncias, multiplicaram as formas da sua encarnação na diversidade da missão: o cuidado e a educação dos pequenos e dos jovens, a acolhida de mulheres sem esperança, a evangelização e pastoral nas várias dimensões, a missão em todas as regiões do Brasil e em vários países da América Latina, como Cuba, Peru, Bolívia e Paraguai. Ofertaram esplêndidos exemplos de doação e de santidade, como a Ir. Antonieta Farani**,** *a Irmã do perdão e da Ave Maria*[2]. Colaboraram e continuam colaborando com a vida da Congregação, com generosidade, no campo missionário em todos os Continentes, no governo, na animação e na formação.

2 Biografia publicada na Convergência abril 2019.

Recordamos o dom de Madre Tomazina Costa Bontorin, superiora geral brasileira, que soube garantir a unidade da Congregação em um dos momentos mais delicados da nossa história e a conduziu na novidade traçada pelo Concílio Vaticano II.

As Irmãs brasileiras de hoje recebem essa significativa herança, junto aos desafios de percorrer os novos caminhos de santidade e da missão passionista, em sinal da comunhão e da solidariedade.

A cada uma das Irmãs, a afetuosa gratidão de toda a Congregação, juntamente com as orações e o desejo de que a celebração destes 100 anos de presença e de vida no Brasil e na América Latina seja ocasião para uma profunda renovação das pessoas, das comunidades e da missão; que o bem que as nossas Irmãs hoje semeiam possa produzir frutos de transformação evangélica da sociedade para a construção do Reino de Deus**,** na história.

A fundadora Maria Madalena afirma que somos chamadas a formar *um só coração, uma só alma e uma só vontade na caridade reciproca e nos recorda que se formos unidas seremos felizes.*

Neste ano comemorativo pelos 100 anos de presença no Brasil, peçamos ao Senhor a graça da comunhão e agradecemos-lhe pelo presente e pelo futuro de toda a Congregação, que confiamos novamente à providência de Deus e à fecundidade da *memoria passionis,* na certeza de que Ele conduz a história e a transforma em história de salvação e de misericórdia.

Nossa Senhora das Dores, presença materna aos pés da Cruz, que há 100 anos começou a ser invocada na Congregação também como *Nossa Senhora Aparecida,* nos ensine a sermos fiéis discípulas do Filho crucificado e ressuscitado e nos torne capazes de reconduzir, *com a oração e com a vida*, a humanidade ao Coração de Cristo.

Com Maria, Mãe, Mestra e Guia, as Irmãs Passionistas proclamam, agradecidas, as Maravilhas do Senhor[3].

A Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz proclama a grandeza do Senhor:

Na vida e intuição carismática da Fundadora Maria Madalena Frescobaldi Capponi, que, inspirada em São Paulo da Cruz, se fez Mulher Memória do Crucificado, respondendo profeticamente às necessidades do seu tempo.

3 Releitura do Magnificat que expressa a gratidão pela ação de Deus na vida/missão das Irmãs das tres Provincias brasileiras.

Na fidelidade do seu amor e misericórdia que sustentaram a Congregação nos mais de 200 anos de vida/missão neste chão.

Na Congregação que, desde a sua origem, acredita na pessoa e possibilita condições favoráveis à educação e restauração da sua dignidade e, a exemplo de Jesus, tem um olhar de predileção pela mulher.

A Congregaçao se alegra:

1. Porque é capaz de cultivar o sonho de expansão do Carisma da Paixão e das dores de Nossa Senhora.
2. Porque o governo da Congregação tem coragem de escutar os apelos de Deus onde a vida clama.
3. Porque os Padres Passionistas convidaram e apoiaram a nova missão.
4. Porque de modo admirável as três primeiras Irmãs, Ir. Anunciata Innanzi, Ir. Boaventura Sabani e Ir Águeda Lopai, deram um "SIM" generoso, confiantes na providência de Deus e se arriscaram na expansão do Reino pelo anúncio da Paixão em terras brasileiras.
5. Porque o povo brasileiro, latino-americano e de todas as partes onde marcamos presença acolhe a Congregação e colabora para a eficácia da missão.

Todas as gerações testemunharão:

- A fidelidade das Irmãs Passionistas, o espírito de sacrifício, a entrega entusiasmada da vida na simplicidade, que encantou e despertou novas vocações.
- A coragem das quatro primeiras jovens brasileiras: Jacomina Lovato, Mariana Busato, Catarina Fiorese e Maria Bordignon, que escutaram o chamado de Deus e experimentaram a alegria profunda de ser inteiramente do Senhor Crucificado e de sua causa.
- A confiança das jovens em Deus, que ao longo dessa história continuaram ouvindo e respondendo com generosidade ao chamado de Deus para a consagração.
- A audácia e fidelidade de todas as Irmãs que constroem a realidade brasileira, desenvolvem a missão e, tanto no passado como no presente, se colocam a serviço dos mais pobres, das crianças e dos jovens, das mulheres em dificuldade, das famílias, dos idosos abandonados, sendo sinal visível na América Latina.

O Poderosos faz para a Congregação coisas grandiosas:

- O contínuo florescimento de vocações fortes, decididas, de vários lugares e culturas para o seguimento do Crucificado: anúncio de esperança na alegria da fidelidade e do espírito missionário.
- A formação da primeira Província Brasileira sobre a proteção de São Gabriel da Virgem Dolorosa, alicerçada nos valores passiológicos, que dão sentido à consagração.
- A graça de participarmos da obra mais estupenda, mistério de dor e de amor com um voto específico: "Fazer Memória da Paixão de Jesus e das dores de Maria".
- A força do amor de Deus na vida da Ir. Antonieta Farani, que viveu a radicalidade da Paixão, a devoção a Maria, fazendo a experiência profunda do perdão e se destacando pela proximidade e cuidado com as Irmãs e com o povo de Deus.
- O reconhecimento, por parte da Igreja, da Ir. Antonieta Farani como primeira Venerável nascida no Brasil, cujas virtudes heroicas ajudam as pessoas a viverem os valores cristãos e despertam vocações.
- A profunda mística e audácia das Irmãs que, na santidade escondida, feita de doação silenciosa e generosa, são pedras de fundação neste longo caminho da Congregação.
- O dom generoso e o testemunho das Irmãs que nos precederam na eternidade e intercedem por nós.
- O dom das Comunidades Leigas Passionistas, que, vivendo o Carisma, irradiam vida e esperança, força transformadora em todas as realidades, força profética das nossas comunidades.

O seu nome é Santo:

- Na vida/missão de cada Irmã que continua, na fidelidade, a história da Congregação.
- Na missão de educar com paixão, anunciar o Crucificado e proclamar a ressurreição.
- Em nossas famílias, primeiros benfeitores da Congregação.
- Na comunhão promovida e construída junto à Congregação, contribuição à expansão missionária e participação ativa nas fundações dos cinco Continentes que levam o Carisma a muitos povos e nações.

No testemunho de fé, bondade e firmeza tão significativo para a vida da Congregação - dom de tantas Irmãs que souberam construir pontes de unidade, entre elas Madre Tomazina Costa Bontorin, primeira Madre Geral não italiana, autêntica mãe, guardiã da unidade, em tempos de desafios e dificuldades.

Na coragem de "arriscar a vida pela Vida" de tantas Irmãs e leigos Passionistas que estão envolvidos nas fronteiras da evangelização e presentes nas periferias geográficas e existenciais dos povos e nações.

Sua misericórdia se estende de geração em geração:

- Na criação da segunda Província, Imaculado Coração de Maria, que deixa marcas do amor, especialmente na região Sul, e na criação da terceira Província, Maria Rainha da Paz, que leva a esperança nas regiões Nordeste e Centro-Oeste.
- No crescimento das Comunidades, expansão do Carisma e desenvolvimento missionário, promovidos pelas fundações que do Brasil chegaram a outros países da América Latina e do Caribe: Cuba, Peru, Paraguai, Bolívia. Junto com as fundações na Colômbia, Panamá, Equador e Porto Rico, realizadas pela Província Imaculada (Espanha), a Congregação recebe o dom de muitas Irmãs e leigos Passionistas que constroem o projeto comum do Continente.
- Em todas as iniciativas de comunhão e na presença generosa de Irmãs do Governo Geral que assumem com generosidade o projeto da Congregação e animam a vida passionista no Continente.

Ele mostra a força do seu braço:

- Sendo a força para a superação dos problemas e dificuldades.
- Sendo a esperança na diminuição das vocações, condições físicas e econômicas.
- Sendo o impulso para continuar caminhando juntos - pensando, rezando e agindo em comunhão.

Cremos que o Senhor caminha e se alegra conosco:

- No cultivo e na inculturação da espiritualidade e na busca diária do Transcendente.
- Na acolhida cuidadosa das novas vocações.

- No esforço de conversão e de vida fraterna.
- No testemunho da entrega de vida das Irmãs na simplicidade e gratuidade.
- Nos encontros comunitários, provinciais, interprovinciais, intercongregacionais.
- Nas iniciativas como Família Passionista.
- Na formação integral, continuada.
- Nas experiências de missão conjunta.
- Na superação de todos os desafios enfrentados juntos, na fé.
- Na solidariedade e partilha dos bens.
- Na partilha da Palavra, na leitura orante e na valorização de cada Irmã como dom.
- Na gestação/participação da nova Comunidade em Moçambique, neste ano jubilar, como expressão da nossa gratidão.
- Em todas as iniciativas de comunhão... como Igreja em saída ao encontro da VIDA.

E o Senhor nos convida a alargar a cada dia a tenda do nosso coração, Comunidade, Província e Congregação para continuarmos sendo testemunhas da ternura de Deus para a humanidade. Amém

PROJETO MAWAKO:UM GRITO QUE ECOA NAS ENTRANHAS DA MÃE TERRA[1]

Ir. Vera Lucia Palermo[2]

O projeto Mawako nasceu em janeiro de 2014 em Brasília/DF, no CCM - Centro Cultural Missionário, durante o curso de Especialização de Fé e Política do Centro de Formação de Fé e Política D. Helder Câmara. Com o sonho de Trinho Paiva Trujillo, indígena da Etnia Baniwa, de promover o resgate cultural dos povos Baniwa, e sua indignação ao ver crianças ao encontro da sensibilidade e solidariedade de Honeide Lima, Farmacêutica, residente em São Paulo, e com a paixão pela missão de Ir Vera Lucia Palermo, Missionária Salvatoriana, nasceu concretamente o projeto Mawako que posteriormente passou a ser a **Associação Mawako Eon**, situada na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

São Gabriel da Cachoeira fica na região do Noroeste Amazônico, que abrange a bacia do Alto Rio Negro, onde a linha fronteiriça entre o Brasil e a Colômbia faz um desenho que lembra a cabeça de um cachorro. Esta região é habitada tradicionalmente, há pelo menos dois mil anos, por etnias que falam idiomas pertencentes a três famílias linguísticas: Arual, Maku e Tukano.

São Gabriel da Cachoeira faz fronteira com a Colômbia e Venezuela, correspondendo à distância de 850 km em linha reta da capital Manaus, banhado pelas águas do rio Negro. É considerado o município indígena

1 Kalikattadapa – nome de uma árvore na cultura Baniwa
2 Missionária Salvatoriana

do Brasil, pois aí convivem vinte e três povos indígenas (Arapaso, Bará, Barasna, Desana, Karapanã, kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana, Tukano, Tuyuca, Kotiria, Bamiwa e Coripaco, Hupda, Yahupde, Dow, Nadob, Baré e Warekena). O município é formado por mais de 700 comunidades indígenas distribuídas nas cinco regiões administrativas. Atualmente o município tem cerca de 50 mil habitantes, sendo que 95% da população são indígenas.

Os indígenas vivem conforme suas tradições, na área geográfica delimitada desde os primórdios da humanidade, conforme suas histórias contadas pelos mais velhos guardiões do conhecimento. Viviam nas grandes *malocas*; o termo *maloca* é usado e indicado pelos não indígenas quando adentram o alto rio Negro.

Na década de 50, com chegada dos missionários, desmembraram as famílias, passando a morar nas casas separadas, formando comunidades, até hoje assim denominadas. Geralmente todas as comunidades indígenas têm um centro comunitário onde recepcionam os visitantes e fazem as celebrações (Eucarísticas e da Palavra) comunitárias, encontros, reuniões, festas, etc.

Com a chegada dos missionários católicos iniciou-se por parte da Igreja um trabalho de formação junto aos indígenas ajudando-os na conscientização da questão de organização social para confrontar as entradas de garimpeiros que invadiam suas terras.

Segundo a revista IHU On-Line, o município de São Gabriel da Cachoeira está entre os três municípios com maior número de suicídios de jovens e crianças indígenas, na faixa de 10 a 19 anos, que representam 33,3%, na cidade.

A Associação Mawako Eon tem como objetivos:

- Envolver os jovens nas artes, valorizando danças e músicas tradicionais na comunidade educativa, fazendo intercâmbio com outras culturas indígenas e não indígenas.
- Promover oficinas e eventos musicais para que se preocupem com outras coisas e descubram o sentido para a vida.
- Quer ser um espaço de formação pastoral, social e de fusão da cultura indígena com outras segmentações culturais.

- Viabilizar um conhecimento mais amplo da Bíblia, da doutrina social da igreja, com novos materiais pedagógicos e recursos humanos, acrescentando com os que eles já possuem.
- Promover formação da autoestima individual e coletiva, e consciência crítica como parte integral e integrante da casa comum. (*Laudato Si*).
- Afastar os jovens, adolescentes e crianças da vulnerabilidade de meios e lugares escusos evitando o envolvimento deles em dependências químicas: álcool e drogas; e protegê-los da exploração sexual de meninas e meninos, cujas comunidades indígenas das etnias existentes na região já são vitimadas.
- Viabilizar projetos culturais, de Formação de Lideranças e de autossustentabilidade.

Projetos

1º Projeto Cultural Mawako

Objetivos:

Ser um ELO que favoreça o resgate da cultura Indígena das diversas etnias que vivem no município de São Gabriel da Cachoeira através da valorização da dança, música e costumes tradicionais nas comunidades indígenas, fazendo intercambio com outras culturas.

Envolver Jovens, adolescentes e crianças indígenas em ações formativas, culturais e esportivas com a finalidade de ajudá-los a não se envolverem com as drogas e álcool e outros vícios, bem como a prostituição infantil.

A **Associação Mawako Eon**, com o projeto Cultural Mawako, deseja ser um instrumento de desenvolvimento social e de fusão da cultura indígena com outras segmentações culturais.Viabilizar um conhecimento mais amplo, com novos materiais pedagógicos e recursos humanos, acrescentados aos que eles já possuem.

Além dessa finalidade, objetiva afastar os jovens da vulnerabilidade de meios e lugares escusos, evitando o envolvimento deles com dependências químicas: álcool e drogas; e protegê-los da exploração sexual de meninas e meninos das comunidades indígenas das etnias existentes na região.

2° Projeto de Formação de Lideranças

Objetivos:

Promover formação sócio-política e religiosa das lideranças indígenas, voltada para a situação econômica e sociocultural local, com um olhar holístico, tendo em vista a importância do conhecimento da Sagrada Escritura através da leitura popular da Bíblia.

Formar e informar jovens, adolescentes, mulheres e homens com a finalidade de ajudá-los no autoconhecimento. Em comunhão com a diocese, dar formação para catequistas e agentes de pastoral para que atuem nas comunidades e capelas nos lugares onde vivem.

A finalidade da **Associação Mawako Eon**, além do resgate da cultura indígena, através do lúdico (música, dança, dramaturgia e novas mídias), tem como proposta, oferecer às crianças, adolescentes e jovens das diversas etnias oportunidades para interagirem com as comunidades indígenas e não indígenas presentes no alto Rio Negro. Visa reunir jovens estudantes e professores indígenas, capitães (= Cacique) de comunidades e lideranças para participarem da formação através de oficinas, encontros, concursos de música e danças, para que esses sejam sujeitos de sua própria história e juntos possam somar na luta por seus direitos e deveres na Igreja e na Sociedade.

3° Projeto de autosssustentabilidade - Cooperativa dos agricultores e agricultoras e artesões indígenas Kalikattadapa[1] - CAIK

A CAIK é um projeto que já está em andamento. Nos Objetivos da **Associação Mewako Eon** está a proposta de autossustentabilidade: A CAIK foi proposta pelos próprios indígenas da etnia Baniwa, de algumas comunidades do alto rio Içana, que depois de um tempo de formação estudando o que significa o cooperativismo, bem como os estatutos e normas de uma cooperativa, decidiram fazer a experiência de serem cooperados. A CAIK no momento tem cerca de 40 associados, não só da etnia Baniwa, mas também de outras etnias. A Cooperativa CAIK também está aberta e acolhe indígenas de outras confissões religiosas que queiram aderir a esta proposta de autossustentabilidade

Objetivos:

- Incentivar a cultura do Bem-Viver, pois Viver Bem significa buscar a vivência em comunidade, onde todos os integrantes se preocupam com todos, favorecendo a união das comunidades como membros de uma Igreja em saída, sensíveis e solidários com toda a criação.
- Ajudar na formação da autoestima e de uma consciência crítica da realidade em que vivem, diante do poder excludente da sociedade para que sejam sujeitos de suas próprias conquistas e autossustentabilidade

A **Associação Mewako Eon** tem ainda o compromisso de assessoria com o desenvolvimento sustentável, com a ecologia integral, ambiental e cultural tendo um olhar local e regional projetando viabilidade econômica na região do município, garantindo a qualidade de vida em vista do bem viver e do viver bem.

Bem viver e cultura

- Viver bem é preservar a cultura dos antepassados. Saber compartilhar faz parte do bem viver.

Bem viver e economia

- O modo de produção indígena respeita a mata. Bem viver é ter o suficiente para o momento presente. O que sobra é compartilhado. Não há acúmulo. O trabalho é o esforço para ter o suficiente. O importante é ter o suficiente para viver (alimento, saúde e educação).
- Bem viver e vida em comunidade.
- Bem viver inclui a todos e todas (que adianta eu viver bem e o outro não?). Bem viver é ter respeito e compromisso com o outro. "O bem comum de todos e para todos" (Laudato Si).

Bem viver e a natureza – Ecologia integral

- Cuidar da casa comum: "O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral" (Laudato Si).

Associação Mawako Eon, sem fins econômicos, promotora da Cultura do Bem-Viver, fundada no dia 19 de abril de 2016, situada na rua "E", Nº 13 A, Tiago Montalvo, São Gabriel da Cachoeira – AM. Com registro no CNPJ 26.363 106/0001-43.

O trabalho feito pela equipe missionária é de assessoria junto às comunidades indígenas do alto Rio Negro e do Rio Içana.

D. Edson Damiani, Bispo da Diocese, tem dado apoio incondicional ao projeto, ao qual agradecemos muitíssimo. A diocese cedeu em comodato (por tempo indeterminado) um terreno para a construção da sede da **Associação Mawako Eon**, bem como a maloca onde serão realizados os encontros de formação acima citados. Para a construção temos feito alguns projetos com a finalidade de angariar recursos para a compra do material de construção. Para a sobrevivência da **Associação** contamos com doações de alguns associados e de terceiros que apoiam e se solidarizam com o projeto.

Para a sede da cooperativa CAIK, a Prefeitura de São Gabriel fez a doação de um terreno e cedeu uma casa para o início dos trabalhos da cooperativa.

Bibliografia:

BANIWA, André Fernando. Bem Viver e Viver Bem segundo o Povo Baniwa no Noroeste Amazônico Brasileiro São Gabriel da Cachoeira: FOIRN 2018

WRIG, Robin M. Ht. História Indígena e do Indigeníssimo no alto Rio Negro. São Gabriel da Cachoeira 2003.

RICARDO, Carlos Alberto (Eds.). Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução a diversidade cultural e ambiental do Noroeste da Amazônia brasileira. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1998

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL; FOIRN. Terras indígenas do Alto e Médio Rio Negro. São Paulo: ISA, 2003. (Cartaz-Mapa

História indígena do noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Fapesp; SMC, 1992. p. 253-66.

https://ww2.ibge.gov.br/vamoscontar2010/mapas/nm_amazonas.jpg

CREIO NA VIDA ETERNA: O SENTIDO DA MORTE NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Pe. Ademir Guedes Azevedo, cp[1]

Introdução

A teologia busca refletir sobre a morte levando em consideração a Ressurreição. A fé nos remete a uma realidade maior, na qual contemplaremos Deus face a face. O apóstolo Paulo dirá: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fl 1,21).

A tradição ocidental, enraizada na cultura cristã, durante séculos – sobretudo no período antigo e medieval - caminhou sobre as pegadas da fé cristã. Tudo era claro e bem estabelecido: a prática religiosa, uma vez que acompanhava o desenvolvimento de toda a vida, fornecia um porto seguro para enfrentar a consciência da finitude humana. Sabia-se que morrer, em certa medida, trazia medo, mas, diante da fé, tudo era superado.

Com o advento da modernidade e o nascimento da ciência empírica, a pregação sobre a "vida eterna" foi aos poucos perdendo consistência. O sujeito moderno quase não pensa na morte. Sente-se, muitas vezes, tão autônomo, que morrer é uma negação da existência como tal. Com o Iluminismo, a fé chega a ser considerada um conhecimento supérfluo, parece não responder mais às grandes perguntas da existência. A razão atinge seu ápice. No entanto, depois das frustrações das

1 Presbítero da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas). É mestre em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) – Roma.

grandes duas Guerras Mundiais, nutre-se uma suspeita em relação a uma razão autônoma. Aos poucos, descobre-se que a fé continua sendo uma dimensão capaz de responder às inquietações da vida. J.B. Metz, por exemplo, dirá que, para a fé recuperar-se do seu longo inverno de depressão e ser digna de atenção, terá que retomar o paradigma do povo de Israel, ou seja, não ter medo de apresentar diante de Deus a pergunta sobre o drama do sofrimento. Nesta perspectiva, todos os que foram feitos vítimas pela barbárie da história poderão ser justificados.

A fé cristã reflete a morte como uma passagem que conduz a uma ampliação e plenitude da existência. Para tornar credível nos nossos dias a profissão de fé na vida eterna, devemos apresentá-la a partir da fé bíblica e da própria experiência que Jesus nos ensinou mediante a sua Ressurreição, ou seja, a fé vivida a partir da experiência de Jesus nos torna todos sujeitos perante o Pai, que não abandona ninguém. Sermos recordados por Ele significa entrar na vida eterna, ou seja, ressuscitarmos.

Uma provocação filosófica

A filosofia de Platão elaborou um sistema dualista de compreensão. De um lado, se afirmam as realidades sensíveis, consideradas insuficientes para o conhecimento da verdade. O corpo se trata de um engano, submisso às paixões irascíveis. A alma precisa fazer seu itinerário de libertação rumo ao mundo inteligível, onde reside a Ideia, fonte única, singular e pura da verdade. Para libertar-se do corpo, seu cárcere, a alma deve exercitar-se com a filosofia através dos mais nobres raciocínios. Neste sentido, Platão concebia a filosofia como um exercício para a morte.[2]

Esse modo de interpretação da realidade exerceu forte influência no interior da vida cristã, principalmente nos movimentos que buscavam a perfeição. No caso da Vida Religiosa Consagrada, o dualismo platônico nutriu a ideia de transitoriedade, onde as realidades terrenas eram avaliadas com grande suspeita. Tudo de mais nobre estava no além. O pecado era associado ao conceito de mundo. Muitos se consagravam para esconder-se do mundo nos conventos. Intensificava-se a oração, e a vida era habituada a excesso de regras e penitências corporais. Na verdade, a vida eterna, sob esta ótica, não começa aqui neste mundo, mas deve-se conquistá-la mediante a fidelidade e a observância de horários e uma série de fatores externos.

Há ainda uma outra abordagem filosófica sobre a morte, aquela de índole existencial. Emanuel Lévinas faz referência a tal argumento quando

2 PLATONE., Fedone, p. 107.

desenvolve o conceito de solidão, mas não como isolamento, e sim como realidade que faz-nos ser existentes. Ele joga com os conceitos de existência e existente. Elabora uma dura crítica à noção de sujeito em Heidgger, o qual afirma que há uma existência que vem jogada no mundo. O Ser é destinado para a morte, deve realizar seu projeto de vida, busca encontrar o sentido para viver. Este sujeito heideggeriano, contudo, é abstrato. Levinas, porém, concebe o sujeito como uma existência existente e essa concretude é possível devido ao seu rosto. O rosto é a identidade do sujeito, é a prova de que é um existente. A solidão constitui encontro consigo mesmo e a consciência de ser um sujeito existente. A morte, dirá Levinas, rompe a solidão e liberta o sujeito para a sua plenitude[3].

Esta perspectiva filosófica nos faz imaginar a relação da Vida Religiosa Consagrada com a solidão em seu aspecto positivo. Quem se consagra a Deus afirma em modo novo a próprio existência, reconhece-a como dom, expandindo-a quando aprende a ter o autoconhecimento. A Solidão é esta escola de encontro pessoal. Quando Lévinas fala do sujeito como um existente pretende ilustrar que nenhuma adversidade da existência pode distanciar-nos da nossa dignidade. Por isso, um existente solitário é sempre aberto a uma transcendência, ou seja, sabe que a vida é concreta e possui um sentido. Diante do materialismo hodierno podemos cair naquele modismo que insiste: "tudo termina com a morte". Ao afirmar que a morte rompe a solidão, Lévinas está dizendo que nos libertamos daquela cotidiana luta pelo sentido. Em uma linguagem cristã, não é exagerado aplicar uma frase de Atanásio para enriquecer o alcance da afirmação levinasiana sobre a morte: "O Cristo transforma a vida em uma festa sem fim"[4]. A morte, portanto, nos põe nesta festa pascal que Cristo nos prepara com *gaudium* exultante.

A morte e o sofrimento: uma advertência para a solidariedade

O que pretendemos propor com este título se baseia na experiência do teólogo alemão Johann Baptist Metz. Antes de apresentar tal reflexão, é importante traçar um breve percurso da sua experiência pessoal com o drama do sofrimento. Metz, aos 16 anos de idade, foi obrigado a sevir como soldado nos campos de concentração. Ali viu e conheceu o maior grau que pode alcançar a estupidez humana na

3 Cfr. LÉVINAS, E., Il tempo e l'altro, Genova 2005.

4 ATANASIO, PG 28, 1081B Omelia per la Pasqua e per i neofiti battezzati il sabato in Albis.

forma de violência. Recordando um dos angustiantes momentos vividos em uma tarde de bombardeamentos que causou a perda prematura de seus companheiros de juventude, disse mais tarde:

> Não me restou outra coisa senão fixar o olhar sobre os rostos apagados daqueles com os quais, no dia anterior, havia condividido medos infantis e risadas juvenis. Não recordo outro senão um grito sufocado. [...] É assim me vejo ainda hoje e por trás desta recordação cairam todos os meus sonhos de juventude. O meu forte sentimento de católico bávaro recebeu uma grande ferida. O que acontece quando, em vez de ir ao psicólogo, mas sim à Igreja, não se consegue remover de si estas recordações irreconciliadas, nem com a ajuda da Igreja nem com a ajuda da teologia, mas mesmo assim quer-se ainda continuar com estas a falar de Deus?[5]

Foi esta experiência bibliográfica que o motivou a elaborar uma nova teologia capaz de tornar credível a mensagem de Jesus depois do drama de Auschwitz. A questão era saber: quem fará justiça as vítimas? Os mortos cairão no esquecimento? As gerações futuras mencionarão com o devido respeito aquele trágico período, ou servirá de crônica para os historiadores de manuais? Metz se empenhou em mostrar que depois de Auschwitz a teologia devia ser Teodiceia, ou seja, uma reflexão crítica e adulta sobre o drama do sofrimento e da morte das vítimas[6].

Esta sensibilidade aguçada diante da morte dos inocentes conduziu o teólogo alemão a buscar as raízes de tal loucura. Uma das causas estava no espírito burguês que pretendia privatizar a religião. O futuro que este pregava era garantir, apenas para alguns, sobretudo para os iluminados racionalmente, uma série de privilégios. O espírito burguês assentava suas raízes no Iluminismo, o qual supervalorizou a razão como critério chave para o progresso desumano. O problema se agravava quando aos poucos iam-se formando os discursos totalitários que defendiam um grupo como raça superior, na qual havia a pretensão de dominar o mundo. Já sabemos do resultado: a morte de ciganos, judeus, e tantos outros que foram etiquetados com o adjetivo de "inferiores".

Para interromper o futuro burguês, Metz propôs a categoria de *Memoria Passionis*, visto que somente esta era capaz de libertar a religião da esfera privada e retomar o estilo e a pregação de Jesus de Nazaré, o qual anunciava um Deus solidário que assumia a cruz como fidelidade ao Pai e como consequência de sua opção pelos esquecidos e pelas vítimas de todos os tempos. A *Memoria Passionis*, assim, abriu para todos um futuro

5 METZ, J.B., Sulla teologia del mondo, Brescia 1969, p. 15.

6 RATZINGER, J; COHEN, A; BARTOSZEWSKI, W; METZ, J.B., Dove era Dio? Il discorso di Auschwitz, Brescia 2007, p. 47-48.

messiânico[7], ou seja, levava todas as vítimas diante de Deus, através da nossa práxis comprometida com a história, e as tornava sujeitos, rompendo com as formas de esquecimento (a não memória). Justamente por isso, Metz insistiu na dimensão do *Pathos*, ou seja, o respeito pela memória dos mortos e a solidariedade desisteressada para com os que sofrem.

Fazer a memória da morte das vítimas ultrapassa o modo rotinero de celebrarmos a liturgia que presta homenagem aos nossos entes queridos. É, sobretudo, uma prática que narra a história exemplar daqueles que enfrentaram o sofrimento com fé radical e não se dobraram diante da violência. Esta espiritualidade busca reivindicar a práxis dos cristãos e motivá-los a empreender uma ação evangélica libertadora.

Formulada a partir desta ótica, a pergunta sobre o sofrimento e a morte daqueles que foram obrigados a experimentar a brutalidade dos regimes totalitários não pode ser transferida em Deus (Onde ele estava?), mas recai sobre cada um de nós, à medida que nos conscientizamos acerca do valor supremo da solidariedade para com o próximo. Sendo assim, diante da dor e da morte temos que formular a pergunta deste modo: onde estão os cristãos? Aqui se abre uma nova perspectiva, aquela que desprivatiza a religião, ou seja, a mensagem de Jesus passa a ser responsabilidade de todos. Torna-se pública no sentido de práxis e compromisso que todos são chamados a assumir. Metz chama isso de mística de olhos abertos.

> "E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (1 Cor 15, 14).

Além da consideração filosófica que dá um lugar importante ao tema da morte, tentamos mostrar até aqui, em perspectiva cristã, que a memória daqueles que morreram serve como rica fonte de espiritualidade, à medida que nos despertamos para o dom da solidariedade e configuramos a nossa vida a partir da práxis de Jesus, a fim de que não caiam no esquecimento todos aqueles que sofrem as diversas formas de crueldade.

Contudo, ainda é necessária uma consideração bíblica: a morte nunca é uma derrota, mesmo quando acontece em circunstâncias mais dolorosas. O que nos faz afirmar isso é a ressurreição de Jesus, elemento fundante de nossa fé. Aqui temos de analisar os dois tipos de linguagens da ressurreição que se encontram no Novo Testamento. A primeira forma é assumida no binômio *Despertar/Levantar*. Pode parecer que este binômio remeta aos episódios de milagres, nos quais Jesus chama à vida aqueles que aparentemente morreram. Foi, por exemplo, o caso de Lázaro. Mas, na

7 Cfr. Metz, J.B., Al di là della religione borghese. Discorso sul futuro del cristianesimo, Brescia 1990.

verdade, a Escritura não admite que, antes de Jesus, possa ter tido algum caso de ressurreição. Para assegurar que somente Jesus foi o primeiro que morreu e ressuscitou dos mortos, Paulo diz que Ele é "as primícias dos que dormem" (1 Cor 15, 20). Portanto, a ressurreição de Jesus trata deste despertar uma vez e para sempre da morte para a vida nova, aquela realidade que só o Pai pode dar, mediante o poder do Espírito Santo.

Outro binômio que constitui a segunda forma de linguagem bíblica é *Exaltação/Elevação*. Jesus é transformado num sujeito passivo, ou seja, o Pai é quem o ressuscita. Toda a glória lhe é concebida. Ele é o Senhor, pois foi glorificado. Depois de experimentar a crueldade humana, o Pai faz justiça ao Filho, elevando-o à glória eterna. O grito agonizante do Filho que se abandona ao Pai, "Meu Deus, Meu Deus por que me abandonaste" (Mc 15,34), encontra a mais bela resposta no poder do Pai, que o exalta à condição de ressuscitado.

Diante do mistério da morte é difícil confortar os irmãos e irmãs que "perderam" seus entes queridos. Mas a fé cristã insiste em afirmar que a morte possui uma característica positiva, graças à ressurreição de Jesus, que inaugura um novo mundo. Depois das grandes guerras e calamidades que derramaram sangue e espalharam terror por todo o Planeta, nutriu-se uma grande desconfiança em relação à ideia de progresso moderno. De fato, hoje tem-se a corrida do comércio, o excesso de propagandas competitivas e toda uma cultura selvagem que não considera aqueles mais fracos que não podem acompanhar as exigências de um mundo "desenvolvido", devido ao fato de serem marginalizados. São invisíveis, mas atingidos cruelmente pelos efeitos do capitalismo selvagem. Contudo, será o teólogo alemão Jüngen Moltmann que proporá uma teologia da vida e da esperança, exatamente para denunciar os efeitos nefastos do progresso que cria vítimas. Moltmann insiste no aspecto de um futuro transcendente que abre uma estrada de esperança. Esta perspectiva se funda na própria experiência do Cristo esmagado. Enquanto a ideia de progresso moderno pretende obrigar os mais fracos a se contentarem com o pão duro da realidade desumana, o futuro cristão faz as vítimas levantarem a cabeça e olharem para frente, pois existe esperança para elas. Affirma Moltmann: "[...] Fundada sobre a ressurreição de um Cristo esmagado, a esperança cristã de futuro, no seu núcleo, é esperança de ressurreição. [...] A esperança da ressurreição não é orientada rumo a um futuro na história, mas sim a um futuro para a história, onde se resolverão as trágicas dimensões da história e da cultura"[8]

8 MOLTMAN, J., Il passo del duemila, in: GIBELLINI, R., Prospettive teologiche per il XXI secolo, Brescia 2011, p. 41.

Conclusão

A morte, na espiritualidade cristã, tem um sentido positivo, o qual se revela só na ressurreição de Jesus. O cristianismo não admite os fatalismos que relacionam o fim com a morte. A fé nos coloca em sintonia com a Esperança, que não nos engana, mas nos faz alcançar aquilo que esperamos: a vida nova que Cristo nos dá.

Procuramos enfatizar a categoria de memória *passionis* cunhada por Metz no intuito de nos sensibilizar diante da dor dos que sofrem. Essa categoria inclui também os que morreram, a fim de que não sejam nunca esquecidos. A narração da resistência daqueles que foram massacrados pelos sistemas totalitários nos encoraja a assumirmos com vigor a fé como uma práxis perigosa, que busca tirar a religião da esfera do privado e anunciar Jesus como aquele que nos faz todos sujeitos, visto que a sua mística é de olhos abertos, ver a todos e não esquece ninguém, pois na Cruz se revela um Deus com um rosto voltado para o mundo.

Para Moltmann, interessa uma teologia da vida e da esperança. Essa reflexão nos faz superar os fatalismos. O futuro não pode ser dado por nenhum sistema da história. Pelo contrário, existe um futuro para a história, o qual justifica e eleva os que sofrem acima das consequências de um progresso que age apenas para alguns.

A morte não é o fim. É a concretização do futuro que Deus nos oferece como alternativa original e diferente, plena de verdadeira vida: "Eu vim para que todos tenham a vida e vida em abundância" (Jo 10,10).

Para refletir:

1. Como você faz memória dos mortos, simplesmente com gestos externos ou com um forte senso de justiça e solidariedade?
2. O que significa para os nossos dias atuais, marcados por intolerância para com os mais frágeis, uma teologia da vida e da esperança, como pretendia Bultmann?
3. Como dialogar com o materialismo e as outras formas de pensamento que reduzem toda a vida apenas à realidade terrena? Que sentido tem hoje a categoria de vida eterna?

PSICOLOGIA E FORMAÇÃO: GESTÃO DA CRISE NO CONTEXTO FORMATIVO

Frei Vagner Sanagiotto, O.Carm.[1]

Introdução

Nos últimos anos, a Psicologia e a formação tiveram um relacionamento complexo, delicado, mas fecundo. No amplo debate que se desenvolveu sobre essa temática, encontramos como ponto comum a vocação para a Vida Religiosa e Presbiteral. A literatura sobre este assunto é vasta, mas é difícil identificar linhas de pensamento bem definidas. Falando do conceito e da gestão da crise, a pluralidade é ainda maior: na verdade, há toda uma série de pesquisas teóricas, mas não há uma visão do conjunto ou uma pesquisa exaustiva sobre esse tópico.

Contribuíram para o desenvolvimento da reflexão entre Psicologia e formação diversas revistas internacionais e brasileiras. Certamente podemos citar o contributo histórico da revista Convergência que se

1 Frade carmelita (Comissariado Geral do Paraná), psicoterapeuta, graduado em Psicologia (FAE - Curitiba/PR); pós-graduado em Psicoterapia (FUMEC - BH); mestre em Psicologia (Pontificia Universidade Salesiana – Roma/Itália), doutorando em Psicologia. E-mail: vsanagiotto@yahoo.com.br.

demonstra sempre atenta aos desafios formativos da Vida Religiosa no Brasil.[2] São diversos artigos publicados nos últimos anos com conteúdo da Psicologia em diversas abordagens.[3]

Com este artigo queremos demonstrar, através da gestão da crise no contexto formativo, os pontos de convergência e os limites de ação da relação entre Psicologia e formação, evitando "psicologizar" a formação ou "espiritualizar" a Psicologia.

Relação entre Psicologia e formação

Como ponto de partida, podemos dizer que, na perspectiva histórica, a aceitação da Psicologia no contexto da formação à Vida Religiosa e Presbiteral é complexa.[4] Foi necessária uma longa e controversa reflexão, na qual, a partir de uma recusa inicial (devido à novidade da disciplina psicológica), levou lentamente à sua integração no contexto formativo. O ingresso da Psicologia na esfera eclesiástica foi assunto de diversos estudiosos, mas também de documentos oficiais da Igreja, dos quais podemos afirmar que a Psicologia que foi aceita no ambiente religioso tem seu próprio contexto histórico-cultural e um modelo antropológico, que visa conduzir os religiosos e presbíteros ao crescimento humano e espiritual.

No Ocidente, no qual nasceu a relação entre Psicologia e formação, predominava o pensamento psicanalítico, e foi a primeira linha teórica em que se focalizou o debate[5]. No entanto, isso não impediu o desenvolvimento de outras correntes do pensamento psicológico, principalmente aquelas com uma antropologia mais aberta ao transcendente, como por exemplo, as teorias humanistas.[6]

O primeiro debate sobre a relação entre Psicologia e formação foi feito através da publicação de artigos em revistas e livros especializados

2 E. AZZI, Contribuição da psicologia no recrutamento dos candidatos à vida religiosa e sacerdotal, in "Convergência" (junho 1961) 72, 343–346.; H. JUSTO, Papel da psicologia nas comunidades religiosas, in "Convergência" (abril 1963) 93, 207–213.

3 Entre os diversos artigos publicados nos últimos anos, me deterei especificamente àqueles mais recentes: C. WILLIAN LOPES POMBAL, Reflexões sobre as dificuldades de relacionamento interpessoal em comunidades religiosas de vida consagrada a partir da abordagem sistêmica, in "Convergência" (dezembro 2018) 517, 66–80.; G. CIPRIANI, Formação e discernimento: acompanhamento e discernimento, in "Convergência" (janeiro 2017) 498, 72–78.; A. dos S. ELISMAR, Cuidado de si e do outro na Vida Religiosa Consagrada e Presbiteral, in "Convergência" (maio 2017) 501, 28–38.; S. MARIA ROCCA, Relações humanizadoras, in "Convergência" (setembro 2017) 504, 48–56.

4 B. GOYA, Psicologia e Vida Consagrada, São Paulo, Paulus, 1999.

5 L. BEIRNAERT, Experience chrétienne et psychologie, Paris, Épi, 1964.

6 E. FIZZOTTI, *Rapporto cultura-vocazione. Modelli antropologici per un'analisi della crisi*, in *Difficoltà e crisi nella vita consacrata*, Torino-Leumann, ElleDiCi, 1996, 36–50.

no assunto.[7] Os primeiros pronunciamentos oficiais do Magistério da Igreja ocorreram com Pio XII,[8] que tentou conciliar diferentes posições, propondo a colaboração entre a Psicologia e a Religião, visto que elas têm um ponto de interesse comum, isto é, o ser humano. Apesar dos esforços do Papa para encontrar um ponto de convergência, até o Concílio Vaticano II, ou seja, até a década de 1960, o uso da Psicologia no contexto formativo foi proibido[9] (com exceção de casos de grave necessidade), embora os estudos teóricos atestassem sua eficácia. [10]

O ingresso da Psicologia nos documentos oficiais do Magistério da Igreja sobre a formação foi através do decreto pós-conciliar *Optatam Totius*,[11] com o objetivo de formar os vocacionados, por meio do autoconhecimento, para enfrentar os desafios pastorais do mundo moderno. A análise que conduzimos sobre a entrada da Psicologia na *Optatam Totius* revela que, nas frequentes adequações do documento durante o Concílio Vaticano II, cuja elaboração foi lenta e complexa, o adjetivo "sana"[12] é acrescentado à Psicologia e foi especificado que esta deve agir em conformidade com o Magistério da Igreja, especialmente se for usada no contexto formativo.

Os documentos pós-conciliares sobre a formação tentaram especificar o papel do psicólogo no contexto formativo[13]. Nas primeiras publicações observamos certa confusão entre a função do formador e a função do psicólogo, do qual se entende que o formador também desempenhava a "função do psicólogo" e que apenas em casos de graves problemas psicológicos se recorria ao profissional da Psicologia. Em intervenções magisteriais subsequentes, a distinção de papéis foi então esclarecida e agora podemos afirmar que o papel do psicólogo não é verificar a presença ou não da vocação, mas acompanhar o desenvolvimento dinâmico da

7 A. DESMAZIERES, L'inconscient au paradis: comment les catholiques ont reçu la psychanalyse (1920-1965), Paris, Payot, 2011.

8 PIO XII, Discorso ai partecipanti al Congresso Internazionale di Istopatologia del Sistema Nervoso - I limiti morali dei metodi medici di indagine e di cura, in Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII, vol. XIV, Città del Vaticano, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1952, 319–330.

9 SACRA CONGREGATIO S. OFFICII, Monitum, in "AAS 50" III (1961) 10–11, 571.

10 A. GODIN, Psychologie de la vocation: un bilan, in "Le Supplément" 113 (1975), 151–236.

11 CONCILIO VATICANO II, Decreto sobre a formação sacerdotal Optatam Totius, Vatican, in http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html (Acessado: 15 junho 2019).

12 ACTA PONTIFICIAE COMMISSIONIS CENTRALIS PRAEPARATORIAE CONCILII OECUMENICI VATICANI II, Disceptatio - De Sacerdotibus Lapsis, Series, in ADCOV, vol. 2, Pars IV vols., Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1962, 403–436: n. 5 [28], pag. 418.

13 CONGREGAZIONE PER IL CLERO, Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, in Enchiridion Vaticanum, vol. 3 (1977), Bologna, EDB, 1970, 1103–1217.

personalidade do religioso ou presbítero de forma autônoma e madura, a fim que eles possam assumir as tarefas e compromissos da vocação, evitando, assim, os graves erros no discernimento vocacional[14].

A crise como processo de crescimento e maturação

Agora, pretendemos demonstrar como uma efetiva sinergia entre Psicologia e formação ajuda a captar os primeiros sinais de crise no contexto formativo, mas principalmente demostrar que o uso eficaz da Psicologia oferece uma oportunidade de conduzir os consagrados a Deus ao crescimento vocacional e de vida. O conceito de crise possui uma pluralidade de significados tanto etimológicos quanto, acima de tudo, nos diversos significados que adquire na vida daquele que a vive. Podemos, no entanto, afirmar que a crise tem um conteúdo operativo formado pelos seguintes elementos: personalidade e contexto em que o indivíduo está inserido, suas experiências pessoais, fatores prévios à crise. Esses elementos vão se juntando aos poucos, como acontece com as peças de um mosaico, que são lentamente reunidas para destacar a figura comum, isto é, a existência humana.

Quando toda a vida da pessoa está envolvida, a crise torna-se existencial e, por sua vez, as pesquisas indicam que atinge três áreas importantes[15]: *emotiva*: a sensação de que a integridade se torna perturbada, vulnerabilidade emocional, etc.; *cognitiva*: manifesta-se na perda de significado, falta de cumprimento dos objetivos na vida, etc.; *comportamental*: ações de contenção, perda ou fracassos nos relacionamentos, etc.

A dinâmica psicológica da crise nos revela, antes de mais nada, que o vivido é um processo psicológico simbólico que motiva a pessoa a construir sua própria existência voltada para o futuro. A crise se desenvolve quando uma experiência perturbadora coloca em movimento toda uma série de reações que levam precisamente nessa direção: às vezes é um evento inesperado, outras vezes pode ser um desvio ou ambiguidade na situação que se vive, outras vezes um conflito pastoral ou comunitário, etc. Como regra geral, a crise é baseada em um estado de vulnerabilidade que se estabelece como um evento (ou circunstância) na vida da pessoa que necessita de cuidados específicos.

14 CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio, Vatican, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html (Acessado: 15 janeiro 2019).

15 P. POAL, Introduction to the theory and practice of crisis intervention, in "Quad. Psicol." 10 (1990), 121–140.

A dinâmica psicológica da crise tem o efeito de colocar aqueles que a vivem em uma suspensão entre a continuidade do evento problemático e o desapego/crescimento. Na perspectiva decisional, não tomar uma decisão levará a pessoa a negar sua própria experiência e, portanto, retardar a mudança, bem como conduzir em frente uma situação de sofrimento; decidir, ao contrário, leva a pessoa a iniciar um processo de crescimento, apesar do sofrimento. O esforço para esclarecer a situação evidencia o estado de crise (*krisis*), isto é, uma mistura de elementos conflituais, que remontam à experiência pessoal, em que as partes se fundem para que surja algo novo que, se for enfrentado com determinação, leve a tomar decisões maduras[16].

A crise vivida no contexto da Vida Religiosa adquire uma dimensão diferente, porque os religiosos, devido ao simbolismo do ambiente formativo, são convidados a crescer na vocação e na humanidade[17]. No entanto, nos documentos do Magistério da Igreja não encontramos um conceito de crise, visto que estes não têm a função definir o que é a crise, uma vez que esta aparece como uma dificuldade a ser superada. No contexto formativo religioso, o desenvolvimento de uma crise convida a formar pessoas a uma vocação mais madura, integral e permanente[18]: na religiosidade (interior, espiritual, vocacional), na dimensão afetivo-relacional e no desenvolvimento do potencial (motivação). [19]

A Psicologia entra no contexto formativo através de um modelo antropológico aberto aos valores transcendentais. A Logoterapia de Viktor Frankl, teoria psicológica escolhida entre as diversas abordagens terapêuticas da Psicologia humanista, entende a maturidade como aprendizado permanente, dia após dia, um interrogar-se continuamente na adesão ao sentido da vida (e podemos acrescentar também ao sentido da vocação). A crise deve, portanto, ser incluída nesse processo direcionado para a maturidade. Responder às perguntas que a vida faz não é uma tarefa fácil e, muitas vezes, vem acompanhada do sofrimento. Por isso, é possível dizer que no sofrimento há um sentido, una ética e uma metafísica: o sofrimento tem de fato um *como* (busca de sentido), um *porquê* (dimensão da ética) e uma *direção* além de si mesmo (dimensão metafísica). Tudo isso, se vivido na concretude da vida, nos faz entender que "o sofrimento torna o homem perspicaz e o mundo transparente". [20]

16 F. SCHENKL – F. BRUNETTI, Dizionario greco-italiano, italiano-greco, Genova, Dioscrui, 1990.
17 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O Dom da Vocação Presbiteral, Paulinas, 2017.
18 GIOVANNI PAOLO II, Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata, São Paulo, Paulinas, 1996.
19 G. CREA, Verso una psicologia della Vita Consacrata. Dalla crisi alla speranza, lungo il cammino della guarigione, in "Vita Consacrata" 4 (2013) XLIX, 312–320.
20 V. E. FRANKL, Homo patiens: interpretazione umanistica della sofferenza, Varese, OARI, 1972, 105.

Psicologia e formação: a gestão da crise no contexto formativo

Depois que entendemos a relação entre Psicologia e formação e a dinâmica do processo da crise, nos concentramos nas contribuições oferecidas pela Psicologia à formação na gestão das crises no contexto formativo. O ponto de partida é que a crise pode ser gestada de forma preventiva, oferecendo aos religiosos instrumentos para enfrentar as dificuldades que surgirão em algum momento da vida. Propomos três abordagens psicológicas preventivas com as quais a formação pode ajudar os religiosos a enfrentar as crises: desenvolver a confiança em si mesmos,[21] melhorar o relacionamento com os outros[22], fortalecer a conexão com um grupo de pertença (vida comunitária).[23]

Apesar da formação preventiva, a crise não pode ser evitada, mas pode ser direcionada para uma solução; na gestão da crise, o contributo da Psicologia não é discernir a vocação[24], mas consiste em acompanhar o consagrado no desenvolvimento do processo no qual decidirá. De acordo com Hans Thomae[25], podemos distinguir quatro tipos de reação às situações de crise: a reação *descentralizada* (que é guiada por situações periféricas em relação ao núcleo da personalidade); a reação *superestimada* (na qual a realidade conflitante controla e regula a situação); a reação *regulada* (isto é, guiada pela impulsividade em que a crise satisfaz parcialmente as necessidades da personalidade); e a reação *decisiva* (direcionada ao *orientamento*).

As fases da decisão seguem uma ordem cronológica, guiada pelo *orientamento* e direcionada para a solução do problema. Para acompanhar alguém em crise, é importante conhecer as várias etapas do processo de tomada de uma decisão, porque é precisamente a partir de dentro desse processo que a crise se torna uma possibilidade para amadurecer humanamente e vocacionalmente. No processo decisório distinguimos três momentos: o primeiro é o do *desorientamento* que nos remete à etimologia do termo grego *krisis*, isto é, uma mistura de realidades fragmentadas que traz confusão na vida cotidiana da pessoa, na qual os vários componentes, misturados e conflituais, se juntam para que surja algo totalmente novo. O segundo momento é o do *reorientamento*: a pessoa questiona sua existência com o

21 P. BARENCO, Il servizio formativo dell'istituzione verso un equilibrio fra doveri, difficoltà e necessità, in L'attenzione formativa prevenire il disagio nella vita consacrata e presbiterale, Roma, OCD, 2007.

22 G. CREA, Gli altri e la formazione di sé, Bologna, EDB, 2005.

23 E. FIZZOTTI, Psicologia e maturidade na vida consagrada, Paulus, 2014.

24 L. LEMOINE, Le dialogue foi chrétiene/psychanalyse dans le discernement et l'accompagnement des vocations entre 1950 et 1975, in "Le Supplément" 222 (2002), 69–101.

25 H. THOMAE, Dinamica della decisione umana, Zürich, Pas-Verlag, 1964.

objetivo de esclarecer possíveis caminhos futuros. O terceiro momento é o da *decisão* propriamente dita, em que se resolve a situação de crise, acrescentando uma certa maturidade no processo mais amplo da existência.

Se na Psicologia se gesta a crise através do processo decisional, o discernimento, ao invés, é fundamental para gestar a crise no contexto formativo. Existem diferentes definições do termo discernimento, consideramos aquele que vem do verbo grego *diákrisis*, ou seja, é uma faculdade intelectual, necessária para poder analisar a realidade vocacional, que, por sua vez, permite distinguir entre as diversas propostas e escolher uma que permita o desenvolvimento vocacional. Como objeto de pesquisa da Psicologia, o discernimento é uma ferramenta que se deve considerar para favorecer a dinâmica motivacional em apoio ao crescimento vocacional[26]. Consideramos o discernimento como um dinamismo composto de três passos[27]: reconhecer que algo não está bem; interpretar o problema; escolher entre as opções que surgiram com a crise.

Enfim, podemos concluir que há quatro pontos em que a crise afeta a escolha vocacional – entendida como um projeto a longo prazo – e que indicam como a relação entre Psicologia e formação converge na gestão da crise no contexto formativo. Os pontos indicados abaixo não significam fragmentação, mas apenas organizações metodológicas.

1. No primeiro momento, a crise confronta o modelo que orientava a vida e sustentava a vocação. A gestão da crise deve ser feita dentro da esfera cognitiva, reconhecendo a existência do problema. A ação formativa se direciona para a maturidade da motivação existencial.
2. No segundo ponto, a crise capta a vocação na dimensão emocional, isto é, na sensação privilegiada de ser chamado por Deus a uma missão (dimensão interior, espiritual e vocacional). A gestão da crise nos convida a interpretar o problema na reorientação vital e vocacional; e a amadurecer a afetividade (relacionamento comunitário, afetivo, pastoral, etc).
3. No terceiro ponto, a crise revive a atitude de busca de significado dentro da vocação, direcionada a aderir ativamente ao chamado de Deus. A crise deve ser administrada no contexto comportamental, convidando a confirmar a escolha de seguir a Jesus Cristo, amadurecendo as motivações vocacionais.

26 L. LEMOINE, *Le dialogue foi chrétiene/psychanalyse dans le discernement et l'accompagnement des vocations entre 1950 et 1975*.

27 SINODO DEI VESCOVI, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Instrumentum laboris*, Editrice Vaticana, 2018.

4) Finalmente, no quarto ponto, a crise leva a uma decisão real respeitando a opção fundamental. A crise deve, portanto, ser administrada tanto na tomada de decisões quanto no discernimento.

Conclusão

A pesquisa nos leva à conclusão de que a Psicologia contribui na gestão da crise no contexto formativo, com o objetivo de conduzir os religiosos a um amadurecimento humano e vocacional, além de oferecer uma possível intervenção psicoterapêutica. O principal ponto do uso da Psicologia é a qualificada implementação de estratégias operativas e adequadas sobre como estruturar, na prática, um acompanhamento para aqueles que estão em situação de crise. Esperamos que esta presente partilha, predominantemente teórica, tenha oferecido um útil contributo para esclarecer como a Psicologia pode convergir com a formação na ajuda daqueles que enfrentam momentos de dificuldade.

Perguntas para a reflexão pessoal ou comunitária

1. No processo formativo da sua Congregação, como são acolhidas e ajudadas as pessoas que enfrentam, ou vivem em crise?
2. Olhando a sua caminhada, você já tomou decisão importante em momentos de crise?
3. Segundo você, onde a crise toca a sua vocação?

JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

José Ivo Follmann sj[1]

Introdução

Em um artigo anterior eu sugeria que o "Cuidado da Casa Comum" é uma das indicações mais originais e completas que chama para uma espiritualidade nos tempos presentes.[2] Talvez possa, agora, ampliar aquela assertiva, com o convite para a reflexão sobre os desafios para a Vida Religiosa Consagrada - VRC, na Igreja, colocando em debate o seu engajamento na justiça socioambiental - JSA.

A Vida Religiosa Consagrada - VRC se originou e tomou força, sobretudo, como resposta à necessidade de assegurar a fidelidade ao que é essencial na missão da Igreja. Neste sentido o artigo visa alinhar alguns pensamentos e argumentos pertinentes ao conceito de justiça socioambiental - JSA, focando um aspecto chave da teologia cristã: a Reconciliação de Tudo em Cristo.

1 Sacerdote jesuíta. Sociólogo das religiões. Professor e pesquisador na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Secretário para a Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil. Diretor do Observatório Luciano Mendes de Almeida - OLMA. E-mail: jifmann@unisinos.br.

2 FOLLMANN, J. I. O "Cuidado da Casa Comum" como caminho para a espiritualidade e justiça. Convergência, n. 523, Ano LIV, julho-agosto, 2019, p.58 A expressão "Cuidado da Casa Comum" é construída pelo autor a partir do que é proposto ao longo de todo o texto da Encíclica Laudato Sí - L.S., na qual se fala repetidamente de "Casa Comum", de "Nossa Casa" onde "tudo está interligado" e se fala também da "cultura do cuidado".

O momento presente da Igreja representa um encorajamento vigoroso para a VRC em seu compromisso com a JSA, em coerência com o Ensino Social sempre mais vigoroso que nos é passado pelos Papas desde a Rerum Novarum, do Papa Leão XIII (1891) até nossos dias. Destaco, no momento presente, a eleição do Papa Francisco (2013) e a surpreendente viagem dele à Ilha de Lampedusa, alguns meses depois de assumir como Líder Máximo da Igreja, onde ele denunciou a "globalização da indiferença". Destaco também os recorrentes apelos deste Papa por uma "Igreja em saída" e, sobretudo, a publicação da Encíclica Laudato Sí (2015) pautada na chamada profética para o cuidado da "Casa Comum". A Laudato Sí não é uma encíclica puramente ecológica, como alguns às vezes a leem e transmitem. Mais do que isto, ela é um apelo para a busca de "soluções integrais" para a humanidade, pensando a justiça social e a justiça ambiental de uma forma integrada, no cuidado da humanidade e da nossa Casa Comum.

Muito se avançou, por diversos caminhos e tempos recentes, na reflexão teológica e pastoral focando o cuidado da vida em todas as suas dimensões e sublinhando a ideia de que "tudo está estreitamente interligado". (L.S. 16). O Patriarca Bartolomeu, referido pelo Papa Francisco (L.S. 6), fala em "túnica inconsútil da criação". O duplo foco, do cuidado da vida e do interligar de tudo, é uma ponte direta para a retomada de elementos centrais nas diferentes tradições teológicas e religiosas que tomam consciência da tremenda atualidade de suas intuições ou revelações originárias, apontando para o grande "religar" no "cuidado da alma da humanidade".

Vivemos em um Mundo Estragado

Nas expressões do Papa Francisco subjaz um apelo evidente a pensarmos o todo em sua complexa interligação como um novo paradigma. É um convite que sinaliza para a condução do cuidado da humanidade e do planeta Terra, nisto que é a nossa Casa Comum. Trata-se de um apelo a toda a humanidade, dirigido também particularmente a todos/as aqueles/as que estão na frente da produção do conhecimento e das tomadas de decisão, na busca de respostas frente aos tremendos desafios manifestos de forma dolorosa na situação da humanidade, da vida e do planeta Terra nos tempos atuais, bem como, está dirigido também diretamente ao modo de proceder dos seres humanos em seu dia a dia. O convite do Papa associa de forma orgânica a produção do conhecimento, a tomada de decisões e o modo de vida do dia a dia, dentro da grande tarefa da humanidade que é o Cuidado da Casa Comum.

Trata-se de uma Casa Comum que está caindo aos pedaços, profundamente ferida por um câncer mortífero que são as tremendas desigualdades, expressão viva da injustiça. "Vivemos em um mundo estragado", dizia um documento da Companhia de Jesus, em 1999,[3] fazendo eco a muitos gritos, escritos e declarações, gerados em circunstâncias diversas e por organizações e movimentos também diversos. Um mundo estragado em todos os aspectos, desde as relações entre as pessoas, as relações de organização da ordem pública, as relações políticas, econômicas e culturais, até as relações ambientais no descuido clamoroso para com os dons da criação. Um mundo sobre o qual se debruçam diferentes ecologias (humana, da vida cotidiana, econômica, cultural, política, social, etc.), todas elas representando importantes acúmulos de conhecimento e contendo ricas formulações, podendo-se em todas vislumbrar caminhos ou dimensões daquilo que deve ser a construção da proposta de uma Ecologia Integral. (L.S. 137 ss).

Os estragos quase indescritíveis em relação à harmonia da natureza, manifestos em paisagens horrendas de destruição da vida, sobretudo, nas periferias de miséria e decadência das grandes cidades, não são mais do que manifestações dos estragos milenares que vêm marcando, de forma crescente, a autodestruição da própria humanidade.

Indiferença versus cuidado

O que está em jogo é fazer frente à degradação da humanidade sem precedentes que vivemos.[4] São os nexos fundamentais dos ecossistemas nos quais os seres humanos ou a humanidade estão constituídos em atores centrais e diretamente responsáveis, que se degradam de forma visível e escandalosa. A vida em sua diversidade de expressões, as relações entre os seres humanos, o ser humano enquanto tal, as sociedades e o planeta Terra, foram e estão sendo degradados.

É fundamental que se encontre o antídoto a essa degradação. A questão central está no ser humano, que se deixou degradar e se torna sujeito da degradação de si mesmo, de sua sociedade e do seu entorno. E tudo parece natural e normal. Somos, de certa forma, envenenados e marcados mortalmente, pela indiferença. Mas, se nós nos tornamos

3 COMPANHIA DE JESUS. Vivemos em um mundo estragado. Roma: Cúria Generalícia/Secretariado de Justiça Social, 1999.

4 Com relação à dupla (ou múltipla) degradação, ver L. S. n. 48; n. 56 e outros.

indiferentes a esta degradação, o nosso Deus não é indiferente. O inverso de ser degradação é a valorização, o reconhecimento da dignidade. O ser humano, que se degrada, está também marcado pelo reconhecimento da força da vida que explode em sua diversidade e pede por cuidado. Desde a sua origem, antes de todos os tempos, "amado por Deus", é o que nos revela a nossa fé e nossa tradição religiosa.

Quando se reconhece a importância de cada ser vivo, acontece o cuidado e se busca sempre criar um clima favorável para que o ser vivo possa ser, possa desabrochar, possa afirmar-se, viver e espalhar vida. A indiferença cede lugar à "cultura do cuidado" (L.S. n. 231). Quando isto acontece, está-se promovendo a justiça. Trata-se de justiça no sentido amplo que entrelaça a justiça social e a justiça ambiental, expressando o cuidado da vida em todas as suas expressões. É uma justiça, que tem como objeto o estabelecimento de relações justas de existência entre os seres humanos e destes com os demais seres vivos fundamentais para o bom equilíbrio e harmonia de tudo. É a justiça marcada pela reconciliação de tudo em Cristo.

Vivemos em um mundo marcado por injustiças sociais e injustiças ambientais. Existe uma verdadeira "cultura da indiferença" ou "globalização da indiferença", fruto congênere de sistemas injustos e comportamentos injustos. Muitos seres humanos não são nem considerados. São cifras inumeráveis. São os descartados do mundo. A "cultura do cuidado" (L.S. 231) significa permanente busca e prática da justiça, tendo como centro a nossa Casa Comum e seu cuidado, ou seja, a realização da justiça social e a justiça ambiental, intimamente entrelaçadas. O conceito de JSA, a rigor, deve ser entendido como a inter-relação da justiça social com a justiça ambiental.

AVRC não nos permite posturas intimistas e absenteístas, buscando pairar ingênua e alienadamente por sobre a realidade. Não nos permite, também, imposturas condenatórias como se fossemos juízes e estivéssemos isentos de envolvimento nessas injustiças, ou, como se a culpa fosse só de outros. Ou seja, esta opção de vida não nos permite agir como se o restabelecimento de relações justas não devesse passar também por dentro de nós, de nossas "entranhas" e das "entranhas de nossas instituições". A nossa teologia cristã é uma teologia da encarnação e do radical compromisso com a Reconciliação de Tudo em Cristo. Isto está no cerne de nossa espiritualidade.

O Conceito de Justiça Socioambiental em debate

Mas o que é mesmo justiça socioambiental - JSA? Se nós prestarmos atenção nas palavras da Constituição Brasileira de 1988, veremos que está pautada por e para um Estado Democrático e se destina a "assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos (...)". A Constituição afirma em seu artigo 5º que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)". Isto está mais explicitado no artigo 6º segundo o qual: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição". Além disto, deve ser lembrado o artigo 225º: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Parece que os artigos aqui transcritos - e poderíamos citar, também, neste sentido e teor, grande número de documentos de órgãos oficiais internacionais e de constituições de outras nações - apontam diretamente para o centro da atenção de nosso texto que é a JSA. É um conceito já bastante usual. O conceito está aí. É muito usado, mas existem problemas que devem ser esclarecidos. Espelhar o conceito nos três artigos transcritos acima, sem dúvida, nos ajuda a melhor perceber as próprias arestas do conceito de justiça socioambiental, na maneira como é usualmente empregado.

Se olhássemos para o Ensino Social da Igreja e sua evolução, desde o Papa Leão XIII (Encíclica Rerum Novarum - 1891) até o Papa Francisco (Encíclica Laudato Sí - 2015)[5] constataríamos com facilidade como os mesmos componentes, mencionados na Constituição Brasileira de 1988, vieram sendo construídos e ampliados no corpo doutrinal social da Igreja católica, ao longo desses 125 anos. Poderíamos dizer que por esta via o conceito de JSA foi, também, amadurecido.

Nem todos/as que usam a expressão "justiça socioambiental", estão usando o mesmo conceito, ou seja: nem todos/as estão pensando e dizendo

5 FAUX, Jean-Marie. Ensino Social da Igreja. (Tradução José Ivo Follmann). São Paulo: Loyola, 2019.

a mesma coisa. Dentro de nosso ponto de vista, falar em justiça socioambiental só faz sentido se isto refletir, em nosso discurso e prática, a lógica do novo paradigma ancorado no Cuidado da Casa Comum e da Ecologia Integral. Ou, então, em uma maneira mais simples de dizer, se der conta dos três artigos da Constituição aqui mencionados, de forma integrada.

A rigor, o que está em questão é a formulação do conceito de justiça, dando conta do paradigma do Cuidado da Casa Comum e da Ecologia Integral. Uma abordagem bastante resumida, didática e acessível, escrita por Joaquim Maia Neto, com o título "Reflexões sobre Justiça Socioambiental" e publicada em uma pequena brochura[6], talvez possa ajudar. Mesmo que o autor não esteja pautado explicitamente segundo o questionamento de fundo orientador do presente texto, trata-se, sem dúvida, de um texto de importantes elucidações, formuladas de forma didática.

O conceito de justiça está associado a igualdade, ou seja, igualdade de direitos e deveres que possibilitam a vida em comum. O conceito de justiça se molda segundo cada contexto e é uma busca de resposta e ajuste frente às desigualdades. Fazer justiça sempre exigirá tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais. Para que isto seja efetivo e não sofra manipulações fáceis faz-se necessário que os princípios orientadores de base sejam claramente construídos e operacionalizados.

O conceito de "justiça socioambiental" circula, há alguns anos, no meio acadêmico e na prática das organizações e movimentos sociais e se percebe o quão pouco ele está efetivamente sendo um conceito distinto do conceito de justiça ambiental, por exemplo. Trata-se de um caminho comum, que pouco acrescenta à importante distinção, muito cultivada na Academia: a distinção entre justiça social e justiça ambiental. Usa-se muito naturalmente a expressão "justiça socioambiental" como substitutivo à justiça ambiental. O conceito de justiça socioambiental vem, assim, sendo construído diretamente associado a crises e conflitos ambientais. Não existe como encontrar solução de crise ambiental, sem a promoção da justiça social. Se existe conflito ambiental, se dá devido à desigualdade social no acesso a um meio ambiental ecologicamente equilibrado, ou seja, existe uma desigualdade ambiental.[7]

6 NETO, Joaquim Maia. Reflexões sobre Justiça Socioambiental, in Joaquim Maia Neto e Ildo Bohn Gass. Justiça Socioambiental: conceitos e reflexões. São Leopoldo: CEBI, 2017, pp 5-43 (O autor é biólogo, com atuação no Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis - IBAMA e no Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade - ICMBio).

7 Joaquim Maia NETO apoia-se em Henri ACSELRAD. Justiça Ambiental - ação coletiva e estratégias argumentativas. In: Selene HERCULANO (coord). Justiça ambiental e cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Fundação Ford, 2004, pp.23-40. (NETO, 2017, p. 8)

Dentro desta lógica argumentativa que atrela o conceito de "justiça socioambiental" à busca de solução de crises e conflitos ambientais, talvez o conceito apresentado por Joaquim Maia Neto, seja uma das formulações mais didáticas e completas:

> Podemos afirmar que a justiça socioambiental consiste na justiça que visa a superar o modelo de desenvolvimento embasado sob a lógica capitalista, lógica essa que adota padrões ambientais distintos em diferentes locais e que impõe às regiões menos desenvolvidas e aos grupos sociais marginalizados e de menor renda, o ônus maior dos riscos e impactos ambientais. A justiça socioambiental busca recolocar a sociedade nas lutas pelo seu desenvolvimento humano sadio e digno, numa perspectiva que considera o indivíduo e o meio ambiente que o envolve. (NETO, 2017, p.9)

Sem negar a importância e pertinência no avanço deste debate, entendo, no entanto que é urgente desvincular a ideia da "justiça socioambiental", do conceito de justiça ambiental. É necessário que se retome a formulação inicial que concebe a JSA como interlocução, diálogo de par a par, interconexão entre justiça social e justiça ambiental. Não é necessário negar a importância didática dos dois conceitos (justiça social e justiça ambiental) em seu uso conforme as diversas situações. O que deve ser evitado é o remendo conceitual da sobreposição pura e simples do "socioambiental" ao "ambiental" na definição da "justiça socioambiental".

Praticando a justiça socioambiental: em três níveis e três dimensões

Três níveis operacionais

Tentando pensar na prática o nosso compromisso com a promoção da justiça, nesta perspectiva de amplitude socioambiental, faço um convite para buscarmos atalhos operacionais. Podemos, neste sentido, distinguir três níveis concretos, como diferentes instâncias ou espaços de expressão e realização da justiça ou da JSA. As práticas de justiça devem expressar-se no nível da produção do conhecimento, no nível das tomadas de decisão, e, sobretudo, no nível cotidiano de nosso ser, viver e agir, no dia a dia.

Em nível de conhecimento, através do reconhecimento das diversas formas de saber e de percepção da vida e das coisas, muito para além dos

simples conhecimentos disciplinados pelo mundo acadêmico. Destaca-se a busca da superação da linha abissal que separa, por um lado, conhecimentos academicamente valorizados e, por outro lado, saberes excluídos do mundo racional-científico. Destaca-se a valorização dos diversos saberes. Nos aspectos relacionados à Igreja, somos convidados a absorver com humildade os conhecimentos populares e tradicionais em nossas práticas religiosas, através da consolidação de uma "Igreja em Saída".

No nível da tomada de decisões, a postura de cultivo aberto e não exclusivista do conhecimento, é, sem dúvida, aporte fundamental para um maior acerto na gestão, dando conta de autêntica e ampla cultura de participação e de reconhecimento da dignidade dos sujeitos envolvidos nas decisões. Neste sentido, sugere-se caminhar para formas inovadoras de implementar e avaliar as políticas públicas, formas estas embasadas em indicadores mais sustentáveis e na busca de uma sociedade igualitária e inclusiva.

Enfim, no nível das práticas do cotidiano, estamos no chão do cuidado por dentro das pequenas práticas pessoais e coletivas no dia a dia. Talvez seja o chão mais no qual o/a religioso/a consagrado/a possa com mais frequência ser sinal e fazer disto uma pauta central de sua vida. É o campo do cotidiano, o campo das pequenas coisas do dia a dia, do cuidado e da justiça, na vida como ela acontece. O espaço e tempo de profundo sedimentar o cuidado da nossa Casa Comum, no testemunho vivo dentro das práticas pessoais e coletivas do dia a dia. Aqui, sem dúvida, todos/as somos chamados/as a uma profunda conversão socioambiental.

São três níveis de ação, nos quais se manifesta o chão concreto de realização da prática da justiça e, mais especificamente, a prática da JSA. Precisamos de JSA em nossos meios de produção de conhecimento, em nossos processos de tomadas de decisão, em nosso modo de proceder nas práticas cotidianas em geral.

Três dimensões operacionais

Na Laudato Sí (L.S. n. 49), o Papa Francisco, assim se expressou: hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da Terra como o clamor dos pobres. (Grifos do autor).

Entendo que, de fato, no chamado do Papa está embutido um desafio à realidade humana como um todo, em toda a sua complexidade. A JSA não pode ser, simplesmente, pautada como conjunto de práticas reativas a situações pontuais, decorrentes dos chamados conflitos ambientais, como sinalizei acima. Ela é uma intervenção na sociedade como um todo em seu modo de ser e se organizar, incluindo a relação com os dons da criação.

Estamos vivendo em um mundo estragado (degradado) em todos os aspectos. Isto envolve as pessoas em suas relações, a organização social em suas relações políticas, econômicas e culturais, e, também, o meio ambiente como um todo. É neste mundo como um todo que incide a justiça, que será JSA na medida em que tiver no horizonte o grande "tecido inconsútil" onde "tudo está interligado". O desafio está em propor um conceito de JSA que seja efetivamente operacional abrangendo os diferentes níveis de ação, tanto em nossos processos de produção de conhecimento, como nos processos de tomada de decisão e nos processos da vida do dia a dia, no cotidiano.

O Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida - OLMA[8] tem buscado enfrentar esse desafio construindo, teórica e empiricamente, um conceito de JSA, centrado na atenção a três eixos ou dimensões, que perpassam transversalmente os níveis referidos. Falando a linguagem da cultura do cuidado, estamos focados em três grandes cuidados: o cuidado da dignidade humana, o cuidado do ordenamento socioeconômico e das políticas públicas e o cuidado dos bens da criação.

O Reconhecimento da dignidade do ser humano.

É a dimensão do cuidado da dignidade humana, amparada no reconhecimento. Esta dimensão acontece, na prática, nas relações com o diferente, nas relações étnico-raciais, religiosas, de geração, de origem nacional, de visões de mundo e opções, buscando sempre formas de estabelecer o diálogo, o valor da pluralidade e a inclusão de todos/as.

A justiça começa a ser construída na medida da tomada de consciência de que todos somos habitantes e fazemos parte da Casa Comum e cada um/a tem o direito de ser reconhecido em dignidade nas suas diferenças. Assim são práticas de JSA, todas as práticas que reconhecem e cultivam por dentro das diferenças de todas as ordens, a dignidade do ser humano e suas particulares repercussões na vida pessoal e cultivo da própria dignidade em nossa Casa Comum.

8 Trata-se de um "Observatório em Rede" da Província dos Religiosos Jesuítas do Brasil, com núcleo articulador em Brasília, DF. www.olma.org.br

Cuidado dos dons da criação, da vida e da saúde dos ecossistemas.

É a dimensão do cuidado dos dons da criação. Esta dimensão está expressa na constante atenção à conservação, preservação e usos adequados dos dons da criação, em vista do cuidado dos ecossistemas saudáveis e da vida para o presente e futuro do planeta terra e dos seres nele habitantes.

A JSA, nesta dimensão, se expressa através de práticas com relação aos dons da criação, que podem ser percebidas nos diferentes níveis de participação social, indo desde uma radical revisão das práticas na produção do conhecimento, das tomadas de decisão e do tratamento harmonioso e equilibrado dos dons da criação, no seu cultivo e uso no dia-a-dia. Estão em pauta, neste ponto, as repercussões destas práticas do bom equilíbrio e harmonia das condições da nossa Casa Comum.

O Ordenamento da sociedade ou a superação das desigualdades sociais.

É a dimensão do cuidado do ordenamento socioeconômico e das políticas públicas. Nesta terceira dimensão está fundamentalmente em questão a superação das desigualdades, das exclusões sociais e da pobreza, pela busca do acesso universal aos direitos básicos de trabalho, assistência social, previdência, segurança, saúde, moradia, educação, alimentação e nacionalidade. A rigor, o que está em pauta, são os grandes e pequenos processos decisórios na sociedade em seus ordenamentos políticos e econômicos e na condução das políticas públicas. Estão em pauta bons resultados de tudo isto, para um convívio harmônico e inclusivo em nossa Casa Comum.

Assim, com o foco na ideia de que tudo está interligado nesta nossa Casa Comum, são práticas de JSA, práticas econômicas e políticas pautadas no atendimento aos direitos sociais e humanos básicos, no reconhecimento da dignidade do ser humano e no cuidado dos dons da criação como dimensões básicas no Cuidado da Casa Comum.

Concluindo

A reflexão aqui apresentada não pretendeu ser mais do que chave de provocação, visando a sua continuidade. Penso que, sempre tendo

presente as três dimensões em pauta (o ser humano em sua dignidade, o convívio com os dons da criação e o ordenamento socioeconômico e das políticas púbicas), a humanidade, em geral, e a sociedade brasileira, em particular, necessitam urgentemente centrar-se na cultura do cuidado e desfazer-se da tragédia da cultura da indiferença. A atenção central deve ser colocada na dimensão relacional e na interligação de tudo dentro da experiência humana na criação.

Assim, retomando os níveis de intervenção, referidos neste texto, podemos dizer que a JSA é praticada na medida em que, tanto nas dimensões do cuidado da dignidade humana e do cuidado dos bens da criação, como na dimensão do cuidado do ordenamento social e econômico de inclusão e igualdade, estiverem sendo adotadas medidas de prática de justiça, na produção do conhecimento, nas tomadas de decisão e no modo de ser, viver e agir dentro do cotidiano.

A VRC certamente tem muito a contribuir dentro do tremendo desafio lançado, no momento presente, que é sequioso de práticas de JSA. Ela tem muito a contribuir no momento difícil que enfrenta a sociedade brasileira. Trata-se de um desafio que pede, em primeiro lugar, a realização do próprio "tema de casa", dentro de nossa Casa Comum. Lembremo-nos sempre que, como religiosos/as consagrados/as, estamos marcados/as para sermos profetas do Cuidado da Casa Comum, na prática de Justiça Socioambiental.

PARA REFLETIR:

1. Qual é por definição a vocação principal da Vida Religiosa Consagrada - VRC nesta nossa Casa Comum e como isto dialoga com o princípio de nossa fé que a Reconciliação de Tudo em Cristo?
2. O que é justiça socioambiental - JSA, e qual a importância e pertinência do uso das três dimensões operacionais no conceito?
3. Identificar, em nossa sociedade, situações (exemplos concretos) de "cultura da indiferença" e situações (exemplos concretos) de "cultura do cuidado"? (Entende-se, aqui, por cultura, a "maneira de ser, pensar, sentir e agir").

TERCEIRA IDADE: SABEDORIA PARTILHADA

Ir. Paulo Dullius, fsc

> A sede de reconhecimento se observa em todas as etapas da vida, não somente na infância; também na adolescência, na juventude, na vida adulta e nos anciãos, ainda que os modos de suscitar este reconhecimento sejam diferentes. Variam a força e a intensidade de ser reconhecido. Também se dá, estranhamente, a figura do sábio que, antes de chegar à idade de ancião, se libertou desta necessidade, se desapegou dela e para ele é igual ser reconhecido ou não, porque captou o caráter volúvel e efêmero que o reconhecimento do mundo tem.[1]

Contextualização – título e enfoque

Um dos melhores incentivos aos jovens para admirarem e assumirem a vida com sentido é verem a satisfação com a qual vivem pessoas que estão na terceira idade. A satisfação de vida de pessoas da terceira idade indica que sua vida valeu a pena, que **Projeto Mawako:**

> **um grito que ecoa nas entranhas da Mãe Terra** alcançaram a unidade após o desenvolvimento positivo de muitas potencialidades e níveis da vida humana. Indica também que conseguem viver uma síntese a partir de eixos unificadores, ou seja, a partir da consciência do amor de Deus expressa neles, no mundo e em sua missão. Em geral, na terceira idade as pessoas assumem uma destas duas características: a) estão satisfeitas com sua vida e percebem que alcançaram uma 'vida boa', com e para os

1 TORRALBA, Francesc & SANTOS, Ismael, Inteligencia Espiritual y Deporte, Plataforma Editorial, Barcelona, 2016, p 80.

outros, em uma instituição pautada no bem e no empenho de superação dos limites próprios e do mundo; b) estão amargas, insatisfeitas, infelizes, pessimistas e são moralistas por perceberem que sua vida não foi vivida como oportunidade para que elas e a realidade externa pudessem superar as feridas afetivas e desenvolver positivamente outras alternativas boas.

Cada pessoa vive vários estágios em sua vida com suas características e especificidades dependendo dela mesma e das circunstâncias. Nesta trajetória ou itinerário todos vamos aprendendo por indicação, identificação ou imitação, e continuamente elaboramos o que aprendemos. Todos constatamos a tendência de comparar gerações – o que está se mostrando cada vez mais inútil e desnecessário e inadequado. A idade que a pessoa está vivendo é a melhor idade para ela. As outras fases não existem no momento presente. Definir a terceira idade como a melhor idade é uma afirmação plena de ambiguidade. Entre o máximo de satisfação com que muitos vivem sua terceira idade e certo desespero com que outros a vivem, todos podemos nos encontrar. Em outras palavras, na terceira idade se percebe melhor como as pessoas conseguiram elaborar sua vida a partir das circunstâncias e realidades internas e externas.

Proponho como título *Terceira Idade: sabedoria partilhada*. Todos vivemos para termos experiência e sabedoria. Existe uma sabedoria em cada pessoa, cada cultura, cada época histórica. A sabedoria se relaciona fortemente com os acertos da vida segundo o amor, a verdade, o bem. E podemos aprender da sabedoria de outras pessoas e integrar esse aprendizado à nossa realidade específica. Há, sim, aspectos que mudam, mas aprendemos mecanismos de continuidade que facilitam encontrar, desenvolver e manter o sentido da nossa vida, sentido do mundo, sentido do plano salvífico de Deus. Esta é a experiência da sabedoria.

Chegamos à sabedoria mais para o final da vida quando, então, podemos fazer sínteses, avaliar acertos/erros, discernir o melhor bem segundo Deus. Assim, a terceira idade é uma experiência avaliativa do processo de amor/desamor que vivemos desde a concepção até hoje. O crescimento humano integral nos é dado como tarefa, como missão, como obediência profunda a Deus, ao mundo e a nós, como itinerário humano amplo.

O itinerário humano é uma realidade complexa e inclui crescimento integral, oportunidades adequadas e favoráveis, opções de vida – como a religiosa. A sábia valorização das oportunidades na vida dá à pessoa consistência, luz e perspectiva ao longo do caminho da vida. Nosso itinerário de vida religiosa inclui a aventura de viver com liberdade,

alegria e maturidade o celibato pelo Reino de Deus. Unimo-nos a Deus, a Jesus Cristo, a tantos cristãos e não-cristãos para, juntos, construirmos o Reino que é de Deus.

Este itinerário requer uma fidelidade dinâmica e criativa, com grande capacidade para viver com êxito a realidade e os processos de mudança que a vida oferece. A sabedoria consiste na superação de medos como solidão, inutilidade, separação; consiste também em viver intensamente a sabedoria nas diferentes etapas da vida.

Neste contexto global podemos entender o itinerário de vida que, na terceira idade, é melhor compreendido, melhor avaliado e visto como uma sabedoria partilhada.

A vida como itinerário de sabedoria

Desde tanto tempo ouvimos que somos feitos à imagem e semelhança de Deus. Na verdade, Jesus é o único plenamente à imagem de Deus. Nós o somos na medida de nossa capacidade de amar e de como o expressamos em nossos relacionamentos com o mundo, com as pessoas e com Deus. Pela nossa orientação e sensibilidade ao amor, à verdade, ao bem, à justiça, à bondade e a misericórdia, somos semelhantes a Deus. Deus é amor, Deus é Luz, Deus é Verdade, Deus é o Bem. Em relação ao mundo Ele é bondade e misericórdia. Deus é a totalidade do amor, da luz. Nós somos seres limitados e o vivemos como semelhança, nos inspirando sempre nele, seja de forma consciente seja inconsciente, pessoal e comunitária. Nossa dimensão de finitude é uma de nossas características que todos temos dificuldade de aceitar e a ela delegamos muitas de nossas incapacidades de amar. A própria religião tantas vezes considerou a limitação não como uma condição humana, mas como um mal, às vezes até, um mal moral. Isto tem tido efeitos negativos diante de realidades, especialmente dentro da vida religiosa. Muitas vezes o confronto com o limite criou sentimento de culpa que, por sua vez, ativou dinamismos autodestrutivos e dos demais, ou ainda, formas compensatórias.

A busca de perfeição no amor e a dimensão do limite caracterizam a realidade da constituição humana. Na administração do limite entra a realidade do mal, como fechamento do horizonte transcendente e decisão de explorar a fragilidade e o limite para, neles, investir a energia de vida. Decorrem dali o egoísmo, o abuso de poder, a exploração do mundo e das pessoas, a diminuição da dignidade humana, a

manipulação de Deus. E assim se instaura o mal. Este mal está dentro e fora das pessoas, é anterior, concomitante e estará no futuro, é individual e coletivo. As consequências da presença do mal cerceiam a liberdade de amar gratuitamente. Toda a humanidade vive esta realidade na qual se mantém a orientação ao amor, mas também a presença do mal. Esta mesma realidade é objeto de consideração da religião, da sociedade, das ciências humanas, das ciências biológicas. A vida humana é um desafio na superação do mal e suas consequências no dia a dia. O desenvolvimento positivo da vida e a superação do mal podem ser melhor avaliados e percebidos mais para o final da vida.

Se, para alguns grupos humanos - dependendo das culturas - este aspecto não tem tanta importância, outros investem energia e empenho na diminuição do mal, seja ele físico, psíquico ou espiritual. Também podemos admitir que esta ambiguidade do amor e do mal pode significar menos para crianças ou jovens e adultos. Na terceira idade, contudo, aparecem os efeitos de como as pessoas e os grupos administraram as tentações do poder do dinheiro, do poder religioso e do poder político. Ainda que nem sempre este processo seja conscientemente bem considerado, os efeitos se fazem perceber na medida em que as pessoas se aproximam mais do final da vida. Muitos aspectos inconscientes surpreendem as pessoas na terceira idade. Isto vale também para a vida religiosa, especialmente quando as motivações e as energias se concentraram mais no nível espiritual, e quando os aspectos psíquicos e físicos não foram suficientemente elaborados e integrados na vida. Como as defesas diminuem mais na terceira idade, todos os aspectos imaturos da vida aparecem com mais intensidade e sem capacidade de controle. Eis porque o empenho consiste em construir uma sabedoria, resultado da integração do passado e iluminada pelas opções existenciais feitas, especialmente a opção pelo celibato evangélico.

Dentro desta perspectiva podemos compreender que nos associamos a Deus, a Jesus Cristo para realizar o processo de humanização, ou seja, instaurar o amor como referencial para nosso viver, sentir, conviver e agir em relação aos demais. Cada qual tem como primeira missão assumir sua vida, superar as realidades do mal, do desamor em sua vida e história. Na terceira idade há condições de avaliar o sucesso maior ou sucesso menor nesta capacidade de amar, na realização do mandamento a amar de uma forma específica: a da vida religiosa. O amor na opção pelo estado de vida religioso não é em si melhor nem pior que em outras opções. Para nós é a melhor opção, pois o seguimento a Jesus Cristo na

vida religiosa é a vontade de Deus discernida para nós, religiosos. Muitas dificuldades na realização humana e espiritual que se pode verificar em alguns religiosos na terceira idade podem indicar não necessariamente opção equivocada, mas insuficiente superação de aspectos afetivos e espirituais que concentram certa energia não livre para amar.

O que precisamos para chegar à sabedoria como homens consagrados, como mulheres consagradas

Eric Erikson, em sua abordagem de desenvolvimento psicossocial, fala de oito estágios de desenvolvimento[2]. O oitavo estágio trata da integração do eu, no qual, como efeitos, temos a harmonia, a paz e a realização de vida; ou então, negativamente, temos o efeito de um fracasso por não ter conseguido viver com suficiente amor e liberdade, por constatar que as forças diminuem e já não há tempo para recomeçar algumas opções, por sentir um vazio existencial e consequente amargura de vida, por avaliar negativamente sua vida e suas opções... E, neste caso, em vez da integração do eu, temos o desespero.

Independentemente do sucesso ou do insucesso na vida, as pessoas da terceira idade vivem um aprendizado sobre sua vida – seja como viver ou como não viver. É uma espécie de sabedoria, resultante desta consciência avaliativa do vivido. O próprio Erikson fala de virtudes em cada um dos oito estágios de desenvolvimento e caracteriza exatamente o último estágio pela virtude da sabedoria. A sabedoria é esta síntese existencial e representa a profundidade de experiência e de compreensão de tudo o que sucedeu consigo e os próximos, dentro de um grande desígnio de Deus para a humanidade. Por isso é preciso valorizar esta etapa da vida como uma sabedoria que é partilhada e colocada à disposição da humanidade, sobretudo das gerações dos adultos, jovens e crianças. Evidentemente, a opção melhor é colocar conteúdos positivos nesta experiência de sabedoria, e evitar passar às seguintes gerações a não-autêntica sabedoria, resultante de fragilidades não superadas, de perdão e reconciliação não realizados. Pessoas com autêntica sabedoria olham Deus, o mundo e as pessoas com os olhos de Deus. Assim evitam pessimismo, críticas e percepção de defeitos nos demais.

2 Estes estágios de desenvolvimento são de conhecimento de muitas pessoas. Encontram-se em "Juventude, Identidade, Crise" e outros tantos. Por isso não me deterei a descrevê-los. Cada qual pode ter acesso a eles, uma vez que ainda hoje continuam a ser bastante esclarecedores e úteis.

Uma vez que a sabedoria é uma meta humana saudável, ela requer um itinerário de toda a vida. Um itinerário sempre tem um ponto de partida e outro de chegada. Contudo, durante a trajetória há situações previsíveis e outras imprevisíveis. Ambas requerem atenção e balizas bem claras como referenciais de escolha. Iniciamos nossa vida na família com suas características, sua cultura, seus valores. Ali encontramos a parte saudável e também ferimentos ao amor das mais diversas formas. Os desejos de desenvolver aspectos positivos da vida têm uma significativa força motivacional. Frustrações existenciais provocam o surgimento de desejos e ideais compensatórios e vingativos. Chegar à sabedoria requer uma delicada e atenta elaboração das potencialidades e dos acertos na vida, bem como a superação das lacunas oriundas da família - às vezes reforçadas - ou das frustrações que podem aparecer ao longo da vida. Todos vivemos esta ambiguidade da trajetória. Usamos muitas oportunidades saudáveis que nos são oferecidas ou que nós mesmos procuramos. Ideais frustrados podem enrijecer o caráter e preparar uma frustração na idade da sabedoria. Isto podemos ver em exagerados moralismos, rigidezes, intolerâncias, amarguras e falta de sentido de vida.

Cada época e cada cultura propiciam circunstâncias para o itinerário de vida. Mudanças sociais acentuadas em questão de valores, de costumes, de visão da realidade e de oportunidades podem desestabilizar crenças e opções, inclusive na terceira idade. 'Nós humanos precisamos de louvor e reconhecimento'[3]. Crescimento depende de sucessos, incentivos e reconhecimentos. As pessoas aproveitam positivamente das circunstâncias de seu itinerário de vida se houver reconhecimento, incentivo, valorização. Uma cultura repressiva – como muitas vezes a vida religiosa teve traços – não pode preparar uma verdadeira sabedoria, pois atrofia aspectos saudáveis da vida.

Os passos para chegar à sabedoria da terceira idade dependem da solução positiva de todas as ambiguidades da vida até este momento. Há situações sempre novas na vida como processo de desenvolvimento, tais como passar da vida intrauterina para a vida extrauterina, a progressiva autonomia e comunicação, a infância, a juventude, a vida adulta com suas características e também a terceira idade. Mas há situações existenciais que requerem integração e êxito, como realidades afetivas, intelectuais, relacionais; realidades de compromisso social; realidades de opções de vida, de opções fundamentais religiosas. Muitos destes momentos se tornam delicados e se beneficiam muito de um processo de acompanhamento para

3 Iso Camartin "Wir Menschen brauchen Lob & Anerkennung", Stadtgottes, (Speyer Mission) 5, 2019, p 14.

passar umbrais sem grandes dificuldades e sem tanto risco de fracassar. A passagem da família à vida religiosa é um dos importantes umbrais. Nas experiências iniciais depois que a pessoa ingressou, se dinamiza o desenvolvimento do sentido de pertença à instituição, de se comprometer nela e assumir sua continuidade e responsabilidade. Um significado especial adquire a profundidade de vida carismática e já não mais tanto legal, ou seja, a sabedoria de vida. Estes diferentes processos de profundidade no itinerário preparam a etapa da vida que podemos chamar de terceira idade. Assim, chegar à sabedoria partilhada é a etapa final de um itinerário existencial. Superando fragilidades e sendo ajudado a chegar à integração do eu, o itinerário exitoso é um testemunho de humanização pelas opções adequadas na vida, segundo Deus e as necessidades da humanidade, dentro do estado de vida religiosa.

Fidelidade dinâmica e criativa em diferentes etapas da vida

A terceira idade é preparada desde o nascimento, e mesmo antes. Há certa tendência de viver com pouca consciência as diferentes características da vida em diferentes idades. Em geral tende-se a ter consciência de uma fase da vida quando ela já passou. É muito salutar desenvolver o hábito de viver com muita consciência o presente e relacioná-lo com o passado, com o futuro, com os ideais assumidos, com as opções realizadas. Deste modo, não somos surpreendidos na terceira idade sobre possibilidades adiadas, circunstâncias evitadas.

Como já acenamos acima, a idade da sabedoria culmina um itinerário de fidelidade – ou não fidelidade – à vida assumida com criatividade e com dinamismo. Sempre significa o crescimento integral humano, cristão, religioso em cada etapa da vida. Os sucessos deste processo de integração assim como a falta de integração em algumas variáveis humanas importantes se fazem sentir na terceira idade. Nesta fase se recolhe o resultado da vida.

O êxito e realização da vida para chegar à sabedoria vai depender de três variáveis fundamentais: a) Vai depender de como cada pessoa elaborou sua história e as oportunidades havidas, como desenvolveu com amor casto e respeitoso seu físico e o expressou nos relacionamentos com os demais, como colocou seu afeto a serviço da opção de sua vida religiosa, como fez as opções que indicavam sua verdade

mais profunda, como sua entrega a Deus unificou a sua vida e lhe deu sempre sentido, como foi uma presença significativa profissional dentro da sociedade. b) Vai depender também de como conseguiu partilhar sua vida em comunidade, como a comunidade respondeu e fortaleceu sua opção de vida, como ela foi suporte para momentos delicados, frágeis e importantes. c) Vai depender ainda de como se sente engajado e comprometido na Instituição religiosa, a qual continua respondendo criativamente às necessidades de humanização hoje. Estes três aspectos incentivam a fidelidade e são indicativos da verdade das opções feitas. A satisfação resultante se transforma em energia de vida e de salvação.

A sabedoria e a cura da memória histórica

As pessoas da terceira idade têm dois medos básicos, segundo Paul Ricoeur:[4] inutilidade e solidão. Estes medos são mais intensos em pessoas que sentiram seu valor fortemente ligado ao fazer, às responsabilidades. Pessoas mais felizes e livres descobrem que seu valor profundo não é alterado ao assumirem outra forma de presença, na terceira idade. Podemos ter solidão física, mas nunca solidão psíquica e muito menos solidão espiritual. Estamos em Deus, e Deus é amor, é luz, é misericórdia. É um desafio superar possível sensação de inutilidade e solidão. O contrário também é significativo: sentir-se unido à humanidade, às pessoas que encontramos na vida - sejam elas vivas ou falecidas -, sentir que nossa presença no mundo foi uma fidelidade a Deus e à sua causa salvífica. Iniciativas pessoais e comunitárias que incluem surpresas, saídas da monotonia, permanente atualização e informação, experiências novas... tudo isso contribui significativamente para superar possíveis sentimentos de solidão e inutilidade.

O envelhecimento é uma realidade inegável. Sucede com pessoas e com instituições. No entanto, não é uma automática avaliação do que sucedeu, dando privilégio a etapas anteriores da vida ou a outras épocas históricas. Hoje constatamos que está envelhecendo uma forma de vida religiosa mais identificada com a instituição, com o formalismo, com certos prestígios, poder e facilidades econômicas. Hoje se acentua mais a opção de vida tendo bem presente a missão[5], a missão salvífica, ou seja, a promoção integral de cada ser humano, especialmente dos pobres. Neste processo se segue a dupla contemplação: a vontade salvífica de Deus e

4 Palavras ditas por ocasião de uma homenagem a ele, em Roma, para celebrar seus 90 anos.

5 Veja-se, para tal: Amedeo Cencini, Dalle radici (smarrite) ai germogli (inediti), in: Xabier Larrañaga (Ed), *I Giovani nella Vita Consacrata,* Ancora, Milano, 2019, p 149-154.

as necessidades do mundo, especialmente aquelas contempladas pelos carismas institucionais. A retomada da missão de curar (física, psíquica e espiritualmente) e de diminuir o sofrimento para que o Reino de Deus se instaure, eis o grande desafio para a vida religiosa hoje, independente de idade. Esta dimensão é sempre nova e atual.

De alguma forma, a terceira idade passa a ser sabedoria partilhada quando inclui uma revisita à vida passada, servindo-se de alguns passos sequenciais, os quais podem ser retomados por significarem também um processo progressivo de integração. 1) Um primeiro passo pode ser caracterizado pela passagem do *esquecimento à memória*[6], ou seja, quanto possível ter acesso ao vivido de forma consciente e de forma inconsciente. Muitos dados significativos podem estar esquecidos – mas não mortos - e podem ser recuperados de alguma forma. 2) Um segundo passo se refere à passagem da *memória à compreensão*. As pessoas agem por alguma razão, inclusive nós e os que nos são próximos. Compreender as razões do que aconteceu e do porquê aconteceu de determinada forma ajuda a reinterpretar, relativizar e criar unidade e sentido na vida. Nunca acabamos de compreender o suficiente o que somos e como chegamos a ser o que somos, e nem chegamos a compreender o quanto outras pessoas e circunstâncias ainda estão em nós, sejam elas de cunho positivo ou negativo. A compreensão já ajuda a relativizar convicções, sentimentos e preconceitos e requer uma profunda aceitação do vivido. 3) Uma vez que se tenha suficiente compreensão é preciso fazer um processo de *reconciliação* e/ou *celebração*. Reconciliação consigo, com as pessoas para deixar de sofrer as consequências negativas. Um trabalho de luto para deixar para trás pessoas e realidades que já não existem e que consomem parte significativa de nossa energia. Celebramos as memórias e intencionalidades positivas, a presença de Deus e de pessoas significativas, as boas oportunidades havidas. 4) A reconciliação e a misericórdia têm como consequência a *pacificação*, a experiência de unidade, de superação e da paz. Reconciliação com o físico, com o psíquico e com o espiritual. Associada à pacificação se concretiza uma memória feliz. Uma vida reconciliada, pacificada, partilhada e feliz é o coroamento de uma fidelidade dinâmica e criativa, é a sabedoria.

A terceira idade, como sabedoria partilhada – tanto na vida religiosa masculina quanto na feminina - dá sentido à nossa vida religiosa, sobretudo quando esta sabedoria é caracterizada pela vida realizada e feliz, pela doação de si a Deus e a seu Reino. Em outras palavras,

6 Estes passos são, em parte, propostos por Paul Ricoeur, em Memória, História, Esquecimento.

quando as opções feitas foram exitosas, uma vez que se teve sucesso em diferentes fases da vida pelo empenho junto a outros em desenvolver de forma integral o que somos, a serviço do Reino.

Em síntese, a sabedoria coroa a aventura de viver com liberdade, alegria e maturidade o celibato evangélico, na identificação e seguimento de Jesus Cristo para, com ele e Deus, realizar o seu Reino.

Questões que podem ajudar a refletir o texto e complementá-lo

1. A nossa vida é uma unidade a serviço do Reino. Como vivemos este processo de unidade ao longo da vida?
2. Nossa vida é um itinerário para alcançar sabedoria. Como cada etapa da vida pode ter presente este itinerário unitário?
3. Como vou elaborando o medo da solidão e da inutilidade e quais experiências de sabedoria gostaria de comunicar a outras gerações?

ESPIRITUALIDADE DA IGREJA NA AMAZÔNIA UMA CONTRIBUIÇÃO DA VRC

Irmão Afonso Murad[1], fms

A Igreja com rosto amazônico expressa de um jeito próprio a espiritualidade que a sustenta. Para realizar tal tarefa, ela se serve de conceitos e de imagens do cotidiano, que compõem sua existência, em comunhão com a natureza. Pois assim fez Jesus quando falava do Reino de Deus, do Pai, da Boa Nova de salvação e libertação, ao utilizar parábolas e gestos simbólicos.

Ao dizer quem somos, nossa missão e a espiritualidade que nos alimenta, usando analogias da Amazônia, sentimos que tocamos no mistério de Deus sem ter a pretensão de tudo explicar. Pois a Trindade é fonte inesgotável de sentido. E cada vez que chegamos perto, como Moisés diante da sarça ardente, reverenciamos o Deus da vida, o fogo ardente que aquece e ilumina sem se consumir, a fonte inesgotável de Vida para nós e as demais criaturas.

Nossa Igreja é como os rios da Amazônia

Vivemos num ritmo lento, e vamos edificando comunidades cristãs no compasso das pessoas e dos grupos, como o rio que faz curvas durante seu trajeto, e por onde passa mantém o solo úmido. Assim se mantêm

1 Ir. Afonso Murad é marista. Doutor em teologia, professor e coordenador do Grupo de Pesquisa de Ecoteologia. Docente na FAJE e no ISTA, em Belo Horizonte. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB e da Equipe de teólogos/as assessores da presidência da CLAR.

as condições necessárias para a vida. Planejamos nossa ação pastoral, e procuramos executá-la com eficácia. Mas também cultivamos os momentos gratuitos, nos quais provamos a grandeza das árvores, os cantos das aves, o sabor das frutas do nosso bioma e a beleza das pessoas, que nos surpreendem com sua sabedoria. Somos uma Igreja ao ritmo do rio.

A nascente da Igreja na Amazônia é o próprio Cristo e a comunidade cristã das origens. Jesus é a fonte de água viva (Jo 7,38). Herdamos a tradição eclesial de dois milênios, um rio volumoso! Recebemos também as águas das tradições dos nossos povos, sobretudo os indígenas e ribeirinhos. Por isso, o rio-Igreja da Amazônia é ao mesmo tempo católica e contextualizada. Nossas águas seguem a cadência do nosso povo e de sua cultura. Somos tradição viva, que trazemos uma longa história do passado e fazemos história no presente e para o futuro.

Na bacia amazônica existem igarapés, que significam "caminho de canoa". Eles são um riacho ou um canal, que permite adentrar pela floresta. O igarapé faz a ligação da ilha com a terra firme. É berço de vida de peixes, aves e plantas; um corredor ecológico que favorece a procriação e a mobilidade de muitas espécies. Os ribeirinhos precisam do igarapé para o transporte em embarcações pequenas, a pesca e o plantio nas margens. De certa forma, o igarapé alimenta o rio e é por ele alimentado. Na bacia amazônica também existem lagos e lagoas. Nelas e ao redor delas medram vários tipos de insetos, plantas e animais. Muitas espécies de aves, tartarugas e peixes encontram aí o ambiente propício para procriar. E com isso se mantém o belo ciclo da vida. A Igreja se compara a um grande rio com seus afluentes, como também aos igarapés que chegam até onde habitam os pequenos e a vida brota em toda sua extensão.

O sopro de Deus, que pairava sobre as águas no início da criação (Gen 1,1), mantém e renova a face da Terra (Sl 104,30) e todo o ciclo de vida na Amazônia. O mesmo Espírito nos renova e nos impulsiona, como discípulos missionários de Jesus. Assim como a água do rio precisa de oxigênio para que os peixes vivam e se multipliquem, necessitamos da Palavra do Senhor, da vida em comunidade e da eucaristia.

Acolhemos o apelo do Papa Francisco para realizar uma conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que nos rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Assumimos que a vocação de guardiões da obra de Deus, especialmente na Amazônia, "não é algo opcional nem um aspeto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa" (LS 219).

Na Amazônia, a água e o solo, o sol e a chuva, os rios e os igarapés são diferentes e complementares. Da mesma forma, cultivamos uma espiritualidade integral, que reúne corpo e alma, pessoa e sociedade, ser humano e natureza, comunidade e instituição. Desenvolvemos uma espiritualidade como três grandes braços do rio que se encontram: a mística, a sabedoria e o profetismo. Ou, ainda: a união com Deus, o diálogo intercultural com nossos povos e a dimensão socioambiental da fé.

Identificamos concretamente na Amazônia o que diz o Papa Francisco: "todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus" (LS 84). Sabemos que nosso peregrinar tem uma meta. Como o rio Amazonas, vamos em direção ao Mar, ao encontro definitivo com Deus. Semeamos na dor e na esperança, em vista "de novos céus e nova terra, onde habita a justiça" (2 Pe 3,13).

Somos também a barca e os barquinhos (rabetas) de Cristo

Nossa Igreja se assemelha também aos barcos que navegam nos rios da Amazônia. Grandes, médios e pequenos, cada um tem sua utilidade e valor. Para viagens longas, há barcos maiores, que transportam pessoas, víveres e objetos. Durante a viagem, a gente se alimenta, conversa, canta, reza, convive e se relaciona. Alguns passageiros se alojam em cabines, mas a grande parte estende suas redes e repousa nelas. Nossas dioceses e prelazias são semelhantes a estes barcos espaçosos, que acolhem homens e mulheres de comunidades rurais, de tribos indígenas e de cidades grandes. Em Igreja os povos da Amazônia celebram, convivem, falam e escutam, se nutrem da Palavra, encontram um lugar de consolo, descanso e estímulo para viver sua fé.

O barco não existe para permanecer no porto, e sim para navegar. Por mais seguro que pareça, o porto é somente um ponto de parada, para reabastecer, embarcar e desembarcar. Assim entendemos o apelo do Papa Francisco, para sermos uma Igreja em saída, em movimento. Se isso vale para o mundo inteiro, muito mais sentido tem para nós, Igreja missionária na Amazônia.

Em alguns momentos da história, a Igreja foi representada como "a Barca de Cristo", ou "a Barca de Pedro". Essa nau desce e sobre o rio. Nossos líderes de comunidade, agentes de pastoral, padres e bispos atuam

como timoneiros que guiam os barcos. Eles precisam estar atentos e saber para onde o barco vai. Devem evitar as correntezas perigosas que desviam o barco de sua rota. Precisam escapar dos bancos de areia, que levam o navio a encalhar. Uma Igreja acomodada, que simplesmente repete práticas devocionais e sacramentais é como um barco encalhado.

Na história de nossas Igrejas particulares há momentos tranquilos, do barco que desce o rio no tempo das cheias. Há também os tempos difíceis, marcados por tempestades. Atentos aos apelos de Deus na nossa realidade, somos uma Igreja profética que enfrenta os "banzeiros" e as tempestades. Quando denunciamos a destruição da Amazônia, o aniquilamento dos povos indígenas, as péssimas condições de vida dos pobres nas cidades, somos incompreendidos e perseguidos. Mas estamos convencidos de que precisamos navegar. Jesus está conosco e ele nos dá sua paz, no meio dos conflitos (Jo 14,27).

Os povos ribeirinhos e os indígenas utilizam barcos pequenos: canoas a remo, ou aquelas movidas por pequenos motores, que chamamos de "rabetas". As nossas pequenas comunidades, espalhadas na beira dos rios, em regiões isoladas ou nas periferias da cidade são como estes barcos menores. Eles ajudam a fazer a travessia. Levam pessoas. Adentram nos igarapés. Se formamos pequenas comunidades, chegamos até os confins, onde vive nosso povo.

Assim somos Igreja: com a leveza, a agilidade e a simplicidade dos barquinhos das nossas comunidades e os barcos adequados para navegar nos rios caudalosos.

Nossa espiritualidade é pessoal e coletiva. Sentimos que Jesus se dirige a cada um e a cada uma, como fez com os primeiros discípulos e discípulas. Ao mesmo tempo, ele nos reúne em comunidade, para sermos sal, luz e fermento na sociedade. Nossa espiritualidade é social e ambiental. Nutrimos nossa fé em Jesus e o seguimos na força do Espírito, para construir uma sociedade justa e solidária. A partir da realidade amazônica e da consciência ecológica, descobrimos que o projeto de salvação de Deus inclui toda a criação. Somos filhos da Terra e precisamos cuidar dela. Com o Papa Francisco, os povos da Amazônia, os rios e as florestas, oramos:

Senhor, tomai-nos sob o vosso poder e a vossa luz,
para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor,
para que venha o vosso Reino de justiça, paz, amor e beleza.
Louvado sejais! (Laudato Si, oração conclusiva)

OPÇÃO PELOS POBRES E FIDELIDADE DA VRC NO DOCUMENTO DE PUEBLA

Rafael Lopez Villasenor[1]

Introdução

Ao celebrarmos os 40 anos do documento de Puebla, como Vida Religiosa Consagrada (VRC) é bom revisitar e refazer uma releitura do evento que apresenta opções claras pelos pobres e pelos jovens.

O Vaticano II e as Conferências Latino-americanas convidaram os religiosos e religiosas a voltarem às origens do carisma, pois a VRC nasceu nos primeiros séculos como alternativa ao comodismo e ao cristianismo aburguesado. Além disso, a maioria dos carismas surgiu com a opção pelos empobrecidos.

A própria VRC surgiu tendo a consciência crítica da própria Igreja, como opção para viver a radicalidade do seguimento de Jesus. Portanto, ao longo dos séculos, o Espírito suscitou diferentes formas de VRC. Neste sentido, na América Latina a VRC fez a opção preferencial pelos pobres, a partir do Concílio Vaticano II, as Conferências de Medellín e Puebla, para melhor responder às exigências da evangelização. Do mesmo modo, projetou-se a opção mais clara com a pobreza dos marginalizados, que não era apenas o desprendimento e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e convivência com os pobres como opção de vida (DP 734).

1 É padre dos Missionários Xaverianos. Faz parte do grupo interdisciplinar da CRB nacional. Tem mestrado em Ciências da Religião e Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP.

O nosso texto tem como finalidade retomar a opção pelos pobres, a partir da Conferência de Puebla ao celebrarmos os 40 anos do evento. A opção pelos pobres é a marca da nossa Igreja, no entanto, por que muitos jovens e religiosos atualmente na VRC se apaixonam pouco pela opção pelos pobres? Por que a VRC inserida com os pobres não entusiasma mais? Será que os tempos mudaram ou somos nós religiosos e religiosas que mudamos?

O contexto da Conferência

Após a II Conferência Geral do Episcopado da América Latina (CELAM), celebrada em Medellín em 1968, progressivamente nasceu a ideia da possibilidade de propor ao Santo Padre Paulo VI a convocação de uma nova Conferência. Depois da realização das relativas consultas e com o acolhimento positivo do Papa, começou-se a estudar um tema possível e eficaz para a Igreja no Continente. A preparação da III Conferência se deu a partir do acolhimento da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Inclusive, a grande maioria dos participantes no Sínodo (1974) estive presente em Puebla. Os tempos pós-Vaticano II amadureceram e a preparação foi confiada ao CELAM, com a convocação de Paulo VI em 12 de dezembro de 1977.

A III Conferência Geral aconteceu na cidade de Puebla (México), entre 28 de janeiro e 12 de fevereiro de 1979. O tema proposto foi: "A evangelização no presente e no futuro da América Latina". A data original deveria ser de 12 a 18 de outubro de 1978, mas, com a morte de Paulo VI e de João Paulo I, assim como a eleição de João Paulo II uns dias antes da data proposta, a Conferência foi adiada para início do ano seguinte. O novo Papa se fez presente na abertura dos trabalhos, como tinha feito Paulo VI em Medellín.

A Conferência de Puebla usou o método "ver, julgar e agir", assumindo novos compromissos sob a inspiração da Exortação Apostólica Evangeii Nuntiandi (EN), de Paulo VI, publicada no décimo ano do aniversário do Concílio Vaticano II. A EN retomou o tema da Evangelização como desafio contínuo para os cristãos batizados, que serviu de base para Puebla. Está claro que a Exortação teve influência decisiva em Puebla, como a Populorum Progressio teve em Medellín. A semelhança entre EN e Puebla aparece visivelmente quando são comparados os títulos dos capítulos: Cristo, Igreja, o que é evangelizar, conteúdo da evangelização, meios, agentes da evangelização.

Entre a Conferência de Medellín (1968) e de Puebla (1979), algo de muito peculiar aconteceu no nosso Continente. Por um lado, tanto o Brasil como a maioria dos países Latino-americanos viviam quase duas décadas de ditaduras sangrentas, com milhares de desaparecidos, torturados e mortos, assim como uma multidão de exilados políticos. Também a situação de pobreza e miséria, material e humana, era clamorosa. Por outro lado, como sementeiras de profetas e profetizas, cercadas de martírios, cheias de esperança, surgiam as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). "As Comunidades Eclesiais de Base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo", (DP, 643).

O período de Medellín a Puebla é a época das grandes utopias e do nascimento da teologia da libertação, reflexão teológica latino-americana, que trabalha a partir dos pontos de Medellín: a aproximação fé-vida como caminho para viver o cristianismo; o compromisso com os pobres, por meio das comunidades de base; a releitura dos conteúdos da teologia, privilegiando os pobres; a ação política como forma para superar as injustiças sociais. Essa maneira de fazer teologia vai se sistematizando e explica os caminhos pastorais trilhados pela Igreja latino-americana na época e aponta para os compromissos assumidos em Puebla. Na verdade, é esse pensamento que conduz a Igreja da América Latina de Medellín a Puebla (Cf. MANZATO, 2006 p. 3-8).

Ao mesmo tempo, entre Medellín e Puebla se passava o agravamento da situação sociopolítica da maioria dos países e das políticas econômicas, que fizeram aumentar o número dos empobrecidos com o crescimento das injustiças sociais. Nesta conjuntura, a Igreja Católica, devido à renovação do Concílio e à profética posição em favor dos pobres, presentes em Medellín, passou a representar uma das poucas ou únicas organizações capazes de se colocar contrária à ordem estabelecida. Ao mesmo tempo, a Teologia da Libertação reconstruía um dos conceitos fundamentais em Puebla. Resgatava-se o termo "pobre" do conceito bíblico do Antigo Testamento.

A voz de Puebla tem como efeito fazer concretas as palavras do Evangelho na história. Tocar os pontos concretos, julgar as situações conflitivas, orientar os cristãos na realidade de cada dia. Por isso, o clamor de Medellín e Puebla é, em si mesmo, conflitivo. As encíclicas pontifícias, contudo, dificilmente provocam conflitos; enunciam verdades tão universais que ninguém se sente atingido. A Conferência

mostrou visivelmente que as propostas de Medellín tinham sido frutíferas. Tanto Medellín como Puebla foram a tomada de consciência e a afirmação da personalidade própria da Igreja latino-americana. Em outras palavras, foram os atos de emancipação, da chegada à idade adulta da Igreja latino-americana (Cf. COMBLIN, 1999 p 201-222).

O Papa João Paulo II, visitando o Continente, nos discursos falava para todos e para ninguém, no sentido de que as palavras são interpretadas por todos como parte da confirmação da própria posição (COMBLIN, 1999 p. 213). Apesar disso, o documento de Puebla fala de realidades concretas, de situações determinadas e bem conhecidas no continente. Puebla acabou sendo a confirmação, atualização e aplicação de Medellín, trata-se de uma ratificação ou aprofundamento das posições na linha teológico-pastoral. O progresso se fez, pois, não tanto para frente, em termos de novas posições, mas na reafirmação de uma caminhada eclesial.

No documento final aparece uma Igreja engajada e preocupada com o povo, com os desafios que devem e estão sendo assumidos. "Comunhão e participação" é a expressão utilizada em Puebla para definir o método da ação evangelizadora. Entretanto o que mais marcou a Conferência foi a coragem de expressar a necessidade de fazer opções preferenciais. Portanto, é feita a opção preferencial pelos pobres (DP, 1134-1140) e a opção preferencial pelos jovens (DP, 1166-1205), expressas na Conferência, que impulsionaram a ação eclesial em seu engajamento social, político e econômico. Entretanto, a opção preferencial pelos pobres no documento marca e polariza o processo de evangelização da Igreja, embora a Conferência fez diversas opções pastorais (Cf. ADAMI, 1980, p 23-56). Enfim, as grandes opções tomadas em Medellín, que marcaram a vida pastoral do Continente nas últimas décadas, reaparecem em Puebla ainda mais reforçadas (LIBÂNIO, 1979).

O documento de Puebla se desdobra em cinco partes: visão pastoral da realidade da América Latina; desígnio de Deus sobre a América Latina; a evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação; a Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; opções pastorais. A estrutura se desenvolve segundo o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente, julgá-la com os critérios da fé e agir pastoralmente para transformá-la.

Puebla não é um tratado de teologia, nem um discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé, não é um documento de natureza

jurídica, destinado a traçar uma conduta obrigatória e devida. Trata-se de um documento pastoral e catequético, que pretende ser fonte de inspiração para a caminhada da Igreja do Continente. Abre pistas, ilumina, denuncia e anuncia, mas principalmente incita à criatividade e à continuidade (SANTOS, 1980).

A busca por fidelidade da Vida Religiosa Consagrada

Entre os anos 60 e 70, várias Congregações, à luz do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medelín e Puebla, mudaram as estruturas institucionais na busca da vivência da fidelidade do próprio carisma. Entre outros aspectos, nasceram as pequenas comunidades inseridas no meio do povo, fazendo uma decidida opção pelos pobres. Portanto, as Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979) reanimaram a VRC com novas opções para ficarem mais perto do povo, sendo grande força para a Evangelização, procurando definir a própria identidade e carisma (DP, 120). Os religiosos e religiosas seguiram as Conferências de Medellín e Puebla, que proclamavam a opção preferencial pelos pobres, indicando ampla solidariedade para com as vítimas da opressão, pedindo adesão às suas lutas e emancipação por meio de práticas comprometidas (cf DP 1153).

A missão específica da Igreja pós-Vaticano II, as conclusões de Medellín e Puebla se propunham a realizar comunidades religiosas pautadas numa evangelização politicamente libertadora, visando ao processo de refundação da VRC. A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres foi a tendência mais notável da VRC latino-americana. De fato, "os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas, pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre" (DP 733).

Para a VRC, a opção pelos pobres era traduzida na aspiração por uma vida comunitária mais evangélica conforme as bem-aventuranças (cf DP 742), muitas vezes, questionando as grandes obras da própria instituição. As Congregações foram tomando um novo rosto, reforçando sua inserção nos meios populares, descobrindo novas formas de evangelização e expandindo sua presença em regiões pobres (DP, 736; 746-747). Nesse período a maioria dos países do Continente vivia no contexto das ditaduras militares.

As transformações das Conferências, atingiram todos os aspectos da VRC, como a vida afetiva da comunidade, os votos religiosos, a missão e a produção criativa de trabalhos. Também surgiram as pequenas comunidades, que nasceram do desejo de inserir-se em bairros modestos ou no campo, ou em alguma missão evangelizadora particular (DP 731). Os religiosos entraram na vida do povo, o povo também entrou na vida da comunidade religiosa. Essa interação ajudou a desenvolver entre as partes o espírito de coragem, a luta, a perseverança, a confiança, o aprendizado da convivência com o conflito e a ajuda mútua (PEREIRA, 2008, p 53). As mudanças e as novas opções, no entanto, criaram grandes desafios e teve quem não suportou os momentos de intenso conflito pessoal, grupal e institucional. (cf. DP 735). Porém, sempre houve a preocupação de procurar novos caminhos para "revitalizar a vida consagrada mediante a fidelidade ao próprio carisma e ao espírito dos fundadores, em resposta às novas necessidades do povo de Deus" (DP 762).

Entretanto, hoje se percebem, claramente, pelo menos dois projetos na VRC, que atravessam a instituição da Igreja na atualidade, um paradigma restaurador-centralista que reforça a cúpula universal da Igreja, e outro partidário de uma proposta libertadora na linha das Conferências de América Latina, que busca sua sustentação das comunidades inseridas no meio do povo e dos pobres (PEREIRA, 2008, p 55).

A opção pelos pobres no documento de Puebla

A opção pelos pobres é parte essencial da missão evangelizadora, é uma constante desde os primórdios da Igreja e do próprio Evangelho. É a marca de Puebla e tem despertado, a partir do Vaticano II e, de modo especial, nas Conferências de Medellín e de Puebla existe uma intensa discussão em volta de muitas tensões, incompreensões e tentativas de amortecer suas implicações práticas. Nesse sentido, de forma genérica, a missão como opção pelos pobres já está implícita no Vaticano II, sobretudo na Gaudium et Spes, (cf. GS, 26). Falar de "opção" significa decisão, tomada de partido, um partido missionário evangelizador. Fazer opção pelos pobres implica mudança de lugar social. O lugar que determina o discernimento e a missão, pois a Igreja é dos pobres e não apenas para os pobres (BOFF, L. 1979 p 61). Qualquer plano de pastoral supõe, como ponto de partida, o questionamento sobre o lugar social daqueles que vão elaborá-lo. A opção preferencial pelos pobres

é, no documento, o ângulo, através do qual os bispos fazem a leitura da realidade latino-americana, abrem pistas, questionam, denunciam e anunciam. Eles são sujeitos portadores do Evangelho (DP, 911).

Missão e opção preferencial pelos pobres é o eixo articulador de Puebla. "Eles são os primeiros destinatários da missão" (DP, 1142). Puebla procura continuar o processo de valorizar o método teológico e pastoral, fazendo-se presente na vida dos pobres e na sua resistência, mesmo tentando minimizar a expressão "opção pelos pobres" usada em Medellín. Embora esse tema seja objeto do primeiro capítulo da quarta parte (cf DP, 1134-1165), no entanto é a alma de todo o documento (DP, 382, 707, 733, 769, 1217). É surpreendente a conversão episcopal pelos pobres e pelo povo (BOFF, L. 1979 p 47).

Puebla usa os termos "opção preferencial pelos pobres", "amor aos pobres","opção evangélica, universal, piedosa", sendo "as CEBs expressão da opção preferencial da Igreja pelo povo simples" (DP, 643), tentando agradar ao grupo de bispos que questionavam as opções da eclesiais da América Latina. A opção pelos pobres, afirmada em Medellín, é renovada em Puebla, no seu sentido de libertar das causas e das estruturas sociais, que estão na origem da pobreza (LIBÂNIO, 1979). A missão da VRC, como opção, é a alma da Igreja no Continente que, por sua vez, o documento de Aparecida, seguindo a tradição das Conferências anteriores, reafirma a opção preferencial pelos pobres (DAp, 391-398), como tarefa essencial da evangelização, que inclui a "opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã" (DAp, 146). De fato, a opção pelos pobres ganhou força em Medellín, sendo reafirmada nas últimas Conferências, após a constatação dos bispos de que a América Latina vive numa situação de injustiça institucionalizada.

Os bispos reunidos em Puebla reconhecem que existe uma brecha crescente entre ricos e pobres, como parte da situação de pecado e de escândalo, contrários à fé cristã:

> Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos se converte em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nessa angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos (DP, 28).

Entretanto, a análise da realidade constata essa brecha crescente entre ricos e pobres, que é produzida pela "apropriação, por uma minoria privilegiada, de grande parte da riqueza, assim como dos benefícios criados pela ciência e cultura" (DP, 1208). Tais fatos são evidentes: "Ninguém pode negar a concentração da propriedade empresarial, rural e urbana em mãos de poucos… a concentração do poder pelas tecnocracias civis e militares…" (DP, 1263), tem aumentado a marginalização de grande parte da sociedade e a exploração dos pobres, "de Medellín para cá a situação se agravou na maioria de nossos países" (DP, 487). "A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e até miséria, que se veio agravando" (DP, 1135), "situação de pobreza desumana… mortalidade infantil, falta de moradia adequada, problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção" (DP, 29).

A contradição e o escândalo surgem quando numa sociedade que professa a fé no Deus da vida, que cria a humanidade à imagem e semelhança, como ser solidário, como sociedade de comunhão de pessoas, ocorre que a injustiça traz a ruptura da comunhão das pessoas, criando o contratestemunho e a contradição. O escândalo existe, não porque a injustiça seja um episódio marginal repudiado e corrigido, mas porque torna-se institucionalizado, impregnando as próprias leis e normas de convivência com o efeito do pecado social. Converte-se, muitas vezes, injustiça institucionalizada em nome de Deus, como defesa dos valores. Por isso os bispos sentem a necessidade de conhecer e denunciar os mecanismos geradores da pobreza (DP, 1160, 1264) contrários ao Evangelho.

O documento, após descrever a escandalosa pobreza da América Latina, manifesta que é gerada pelo sistema capitalista (cf. DP, 47). Caracteriza-o como idolatria da riqueza, materialista e praticamente ateu (cf. DP, 312). Por isso, não receia denominá-lo "sistema de pecado" (DP, 92), e a realidade por ele implantada, "injustiça institucionalizada" (DP, 495). Portanto, os bispos não temem em afirmar que, na América Latina, "o melhor serviço ao irmão é a evangelização que o liberta das injustiças, o promove integralmente e o dispõe como filho de Deus" (DP, 1145). A partir da opção preferencial pelos pobres, construir a civilização do amor, baseada na comunhão e na participação (cf. DP 570; 588; 639; 1113; 1165). Puebla vê a necessidade de uma conversão de todos os cristãos e de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres (Cf. BEOZZO, 1985 p 39).

Ao compreenderem a VRC, que no rosto do pobre reconhecemos o rosto do Cristo sofredor, o Senhor que nos questiona e interpela

para "a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação" (DP, 1134). Portanto, a opção preferencial pelos pobres é uma das linhas mais marcantes em Puebla. Os pobres têm rostos bem concretos, são os indígenas e afro-americanos, camponeses, sem-terra, operários, desempregados e subempregados marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher. Os pobres têm as feições das crianças, "golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer"; dos jovens "desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade"; dos indígenas e afro-americanos "segregados"; dos camponeses, submetidos à exploração; dos operários, "que têm dificuldades em defender os próprios direitos"; dos desempregados; dos marginalizados e amontoados nas grandes cidades; dos anciãos, "postos à margem" por uma sociedade "que prescinde das pessoas que não produzem" (DP, 31-39). Em outras palavras, a missão da Igreja está unida à dimensão da promoção humana e da justiça social, na transformação da sociedade.

A Conferência faz a opção preferencial pelos pobres, com base na análise dialética da realidade do Continente, que gera mecanismos causadores de pobreza (DP, 1160); avaliada como uma realidade escandalosa da América Latina (DP, 1154); causada pelos regimes de opressão no continente (DP, 500). Os bispos foram profetas ao denunciarem o sistema sócio-político imperante no Continente como sistema de pecado (DP, 28; 92); ao condenarem o capitalismo liberal como idolatria (DP, 403), como sistema de pecado (DP, 48), ao combaterem a ideologia da segurança nacional (DP, 408) como injustiça institucionalizada (DP, 46). Trata-se de uma denúncia que toma o tom de indignação profética: "A distância entre ricos e pobres, a situação de ameaça que vivem os mais fracos, as injustiças, as postergações e sujeições indignas que sofre, contradizem radicalmente os valores de dignidade e de irmandade solidária (DP, 452).

De fato, entre Medellín e Puebla a Igreja no Continente mudou de lugar social da VRC, caminhou do centro para a periferia, sendo voz profética, assumindo a causa dos pobres e participando da paixão do povo, como parte da missão evangelizadora. Sentiu na própria carne o ferrão do opressor através das ditaduras em vários países no Continente, por isso o documento observa: "Os últimos dez anos na América Latina têm sido duros" (DP, 266). Todavia, a opção de estar do lado dos oprimidos tem suas consequências, "a denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre trouxeram

frequentes perseguições e vexames de vários tipos. Até os pobres têm sido as primeiras vítimas desses vexames" (DP, 1138). O novo lugar social possibilitou à Igreja na América Latina assumir a missão profética de ser a consciência crítica da sociedade, chegando ao ponto de romper com o sistema político e econômico implantado no continente.

Evangelização por meio do catolicismo popular

Puebla afirma a opção pelos pobres como parte do testemunho e da Evangelização, que passa pela religiosidade popular[2], que precisa ser evangelizada e catequizada adequadamente, porque a grande maioria foi batizada e vive um catolicismo popular debilitado (DP, 461). A fé do povo está voltada para a vida cotidiana, com uma religiosidade prática, baseada nas promessas, na realização de festas e do culto aos santos, forma o "conjunto de crenças marcadas por Deus, como uma forma da existência cultural que a religião adota por meio do povo" (DP, 444). Esta religiosidade está circunscrita na realidade do cotidiano que cria e recria a cultura popular, conferindo-lhe significado profundo. As pessoas constroem suas concepções sobre o mundo, sobre a fé, enfim sobre a vida de acordo com a realidade.

Embora na América Latina o Catolicismo durante muitos anos foi a "religião oficial" ligada ao poder dos governantes, o Catolicismo popular é visto ainda com "suspeita" e "preocupação" com possíveis "anomalias". Para evitar qualquer desvio o documento expõe as verdades da doutrina Católica (DP, 1120). Os bispos pedem que seja "purificado", isto é, "Evangelizado", inclusive, visto com ressalva por alguns prelados. Por isso, deve-se privilegiar "a promoção da dignidade do homem, a libertação de todas as servidões e idolatrias" (DP, 344). A fé cristã é a principal formadora da cultura latino-americana, que comunicou o fundamento profundo da identidade cultural e religiosa. Em Puebla os bispos propõem-se a continuar a obra de evangelização, de tal modo que os valores se consolidem assumindo os novos valores da civilização urbano-industrial, numa integração justa que não seja absorção (DP 428). Aparecida, por sua vez, apresentou de forma mais positiva a religiosidade, ao dizer que evangelizar ou purificar não quer

2 O termo piedade popular era o preferido por Paulo VI, ao invés de religiosidade popular, porque esta expressão religiosa é rica de valores e suscita atitudes interiores. (Cf. EN 48). O Documento de Medellín se refere à sua "enorme reserva de virtudes autenticamente cristãs, especialmente no que diz respeito à caridade" (Medellín, 6, 2). Puebla utiliza as três expressões: religião do povo, religiosidade popular e piedade popular (cf. Puebla, 444, 447, 449, 451).

dizer que esteja privada de riqueza evangélica. Apenas que todos os membros do povo, reconhecendo o testemunho de Maria e também dos santos, procurem imitá-los cada dia mais (DAp, 262).

Para Puebla "as Comunidades Eclesiais de Base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo", (DP, 643). Em Medellín a realidade das CEBs apenas despontava. Puebla assinala com alegria o fato auspicioso de que nesses últimos dez anos após Medellín, as CEBs se tinham multiplicado, amadurecido e tornado focos de evangelização e motores de libertação e desenvolvimento (LIBÂNIO, 1979 p 57).

A fé do povo se manifestava através das devoções e culto aos santos, das procissões, das orações de invocações e perdão, dos milagres. Predominam os aspectos devocionais e protetores. As manifestações religiosas têm uma liderança leiga, na "redenção integral das culturas, antigas e novas, do Continente tendo em conta a religiosidade de nossos povos" (DP, 343). Os valores da fé tornam-se, portanto, também valores culturais passando a fazer parte das concepções fundamentais e a expressar-se em linguagem e símbolos mutuados à fé pela cultura (ADAMI, 1980 p. 37).

O Continente é formado por vários catolicismos populares. Portanto, a fé católica é um elemento comum dos povos latino-americanos, formando uma base cultural e um alicerce tão relevante que praticamente lhe confere a identidade (ADAMI, 1980 p 40). Em outras palavras o catolicismo popular conserva seus códigos próprios, suas metáforas e sua linguagem que lhe dão identidade ao povo (Cf. DP, 412). O catolicismo se entrecruza com a vida: dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia a dia. Impulsionado pelo mistério da vida, o indivíduo busca força na esperança do Deus da Vida. Num conjunto de ritmos, a devoção popular vivencia fatos concretos, temores, sonhos e crenças, que viram elementos consolidadores da vida.

O catolicismo faz parte da cultura que abrange também as expressões coletivas de valores, costumes, língua, instituições e estruturas de convivência social (DP, 387). Cultura percebida como o complexo conjunto que inclui conhecimento, crença, arte, moral, costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridos pelo homem, como membro de uma sociedade (ADAMI, 1980 p 34). Dentre os valores, o essencial da cultura é constituído pela atitude com que o povo afirma ou nega sua vinculação

religiosa com Deus, pelos valores religiosos (DP, 389). Na religiosidade o ser humano procura respostas às indagações das angústias metafísicas e transcendentais, respostas que orientam a sua existência. Portanto a religião popular constitui o fator determinante da cultura, é inspiradora das restantes ordens culturais: familiar, econômica, política, artística, enquanto as libera para a ordem transcendente ou as encerra em seu próprio conteúdo imanente (ADAMI, 1980 p 30-31). Enfim, cada ser humano recebe uma cultura, modifica-a criativamente e continua a transmiti-la.

Puebla convida a "favorecer, reformular e assumir as expressões religiosas populares com participação de grandes massas pela força evangelizadora que possuem" (DP, 467). Sabendo que "se a Igreja não reinterpretar a religião do povo latino-americano, se dará um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados..." (DP, 469). Por sua vez, o Documento de Aparecida também dá atenção para a religiosidade popular. O papa Bento XVI, no discurso de abertura da Conferência, a qualificou de "rica e profunda", "o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina" que revela a alma dos povos latino-americanos[3].

Entretanto, Aparecida retoma Puebla, quando observa que, entre as virtudes da piedade popular estão os "valores de dignidade pessoal e de irmandade solidária", a sua capacidade de congregar multidões e o potencial de converter-se em "clamor por uma verdadeira libertação" (DP, 449, 452). Ela é vista como mística popular, com rico potencial de santidade e justiça social (DAp, 279). Apesar das ambiguidades, a compreensão da piedade popular ganha reafirmações e avanços importantes. Ela é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja, inclusive, uma forma de ser missionário. Ela é parte de uma "originalidade histórica cultural" dos pobres do Continente, fruto de "uma síntese entre as culturas e a fé cristã" (DAp 264).

Na atualidade, a VRC, inserida no meio do povo, valoriza "a piedade popular, contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal" (DAp 263). Entretanto, continua o desafio de valorizar a religiosidade popular na ação Evangelizadora.

3 "Esta religiosidade expressa-se também na devoção aos Santos com as suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais Pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode, nem deve deixar abandonados ou na miséria os seus próprios filhos. Tudo isto forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, naquilo que for necessário, também purificar" (Bento XVI na sessão inaugural da Conferência de Aparecida, no dia 13 de maio de 2007).

Considerações finais

Atualmente, alguns setores eclesiásticos e da VRC falam com saudade do passado, com descrença nas linhas pastorais de Puebla. Parece que a esperança num mundo melhor deu lugar à retrotopia como busca de um passado tridentino, que aparenta dar uma perspectiva de futuro, ainda que ilusória. A nostalgia se transformou em mecanismo de defesa, tentando a retomada dos planos conservadores, ressuscitando-os e reabilitando-os. Embora exista o aforismo conservador de setores da sociedade e da Igreja, podemos ratificar e confirmar que o caminho traçado por Puebla é muito válido e atual para a Igreja, como a opção pelos pobres e pelos jovens, o protagonismo dos leigos, o desenvolvimento dos ministérios não ordenados, a união da fé com a vida vivenciada nas CEBs, a valorização da religiosidade popular, a Igreja como comunhão e participação que faz uma releitura dos conteúdos da teologia a partir da realidade da América Latina, privilegiando a libertação dos pobres e oprimidos.

O grande passo de Puebla foi reafirmar a missão da Igreja na opção preferencial pelos pobres, sendo marca da Igreja universal. Neste sentido, o Papa Francisco incentiva e deseja uma Igreja pobre para os pobres, que faça a opção preferencial pelos pobres. Eles têm muito para nos ensinar, eles nos evangelizam. (Cf. EG 198, 199). Certamente, esta opção significa dar mais tempo aos pobres, atendê-los em suas necessidades, modificar nosso estilo de vida, acompanhá-los buscando, a partir deles, a transformação da realidade social de pobreza.

Ainda o catolicismo no Continente aparece como a religião da maioria da população, a maioria do povo se declara católico de tradição, embora não-praticante, mas com várias formas de ser vivenciado popularmente. O vínculo estabelecido pelo batismo não impede que se experimentem outras práticas e rituais religiosos diferentes. Em setores da sociedade, "cresce o apreço por várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia da prosperidade sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista" (EG 90).

Para refletir

1. Nosso modo de viver se enquadra nos parâmetros da opção preferencial pelos pobres?
2. Quais aspectos da religiosidade popular que devemos valorizar mais na nossa ação Evangelizadora?
3. Francisco quer uma Igreja pobre com os pobres, em que medida é válida esta opção?

Referências

ADAMI, Leopoldo. (1980) Puebla: A Evangelização da Cultura. Revista Perspectiva Teológica. Ano XII n. 26. Janeiro-Abril 1980. Belo Horizonte. P 23-56.

BENTO XV (2007). Discurso na abertura dos trabalhos da Conferência de Aparecida. Aparecida 13 de Maio de 2007. http://www.presbiteros.com.br/papa/ DiscursoAparecida.htm, acesso 12 de novembro de 2017.

BEOZZO (1985). O Vaticano II e Igreja Latino-Americana. S. Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo (1979). Puebla: ganhos, avanços, questões emergentes. REB, Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 39, fasc. 153, março. Petrópolis RJ. P. 48.

CELAM. (2007) Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas.

------- (1977) Documento de Medellín, A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Petrópolis: vozes, 1977.

------- (1986) Documento de Puebla, III Conferencia. La Evangelización en el presente y en el futuro de América Latina. México: Libreria Parroquial.

COMBLIN (1979). Puebla, vinte anos depois. Revista Perspectiva Teológica n. 31, 1999.

FRANCISCO (2013). Evangelii Gaudium, a Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

LIBÂNIO (1979). Em Torno a Puebla – II. O Documento Final de Puebla, suas grandes linhas; p 60. Disponível em: http://faje.edu.br/periodicos/index.php/ Sintese/article/viewFile/2333/2606. Acesso: 30 de maio 2018.

MANZATO, Antônio (2006). As primeiras conferências do celam. Revista Vida Pastoral. Publicado em Julho-Agosto de 2006 (pp. 3-8). Disponível em: http://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/ Acesso 15 de junho de 2018.

PAULO VI (2006) Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas 2006.

PEREIRA, C. A porta de entrada da análise institucional na Vida Religiosa Consagrada. Revista janus, lorena, v. 5, n. 7, janeiro/junho, 2008. P 43-56.

SANTOS, Beni dos (1979). Introdução a uma leitura do documento a partir da opção preferencial pelos pobres. http://www.padrefelix.com.br/doc20_13.htm acesso 20 de maio de 2018.